

S. PAULO ** DEZEMBRO DE 1909 ** ANNO VIII

REVISTA DE ENSINO
ORGAN
DA
Associação Beneficente
DO
PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO.



REDACTÔR-SECRETARIO :
AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTÔRES - EFFECTIVOS :
THEODORO JERONYMO RODRIGUES DE MORAES,
BENEDICTO MARIA TOLOSA,
ANTONIO PEIXOTO, JUSTINIANO VIANNA,
JOSE' A. DE AZEVEDO ANTUNES.



PUBLICAÇÃO - TRIMESTRAL



NUMERO 4



TYPOGRAPHIA NACIONAL

— DE —

CARLOS BORBA

Rua Onze de Agosto, 29 — (Antiga do Quartel)
S. PAULO

EXPEDIENTE

Revista de Ensino

Publicação trimestral de pedagogia pratica

**Organ da Associação Beneficente do
Professôrado Publico de S. Paulo**

Esta *Revista* insere em suas paginas artigos de orientação geral, de critica e de methodisação das disciplinas, que constituem o programma das nossas escolas. Mantém as seguintes secções: *Redacção, Pantheon escolar, Questões geraes, Pedagogia pratica, Literatura escolar, Collaboração, Diversos, Pela imprensa estrangeira, Cantos escolares, Movimento associativo, Noticiario, Annuncios, Summario.*

Acceita e pede a collaboração de todos que quizerem contribuir para a methodisação do ensino.

Escriptorio e redacção: rua Sancta Thereza, 28.

Assignatura annual 5\$000—Numero avulso 1\$500

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactôr-secretario—professôr Augusto R. de Carvalho—á caixa do correio n. 183.

Toda a correspondencia relativa á *Associação*, aos seus *directôres, conselho fiscal, secretario, thesoureiro, procuradôr e mordômas* e tudo quanto, directa ou indirectamente, se refira á Directoria da Associação, deve ser enviado á séde — rua Sancta Thereza, 28. A caixa-postal n. 183 é de uso exclusivo do redactôr da *Revista*, sr. Augusto R. de Carvalho, e de tudo quanto se referir a essa publicação.

REDACÇÃO

O ACTUAL PROGRAMMA DE ENSINO DOS GRUPOS E DA ESCOLA MODELO

Ce n'est pas mes lumières que je cherche de répandre: ce sont celles d'autrui.

Gassendi.

A ordem logica de um bom programma de ensino deve corresponder á ordem chronologica do desenvolvimento das forças do espirito.

G. Compayré—Psychologie.

III

Quem tolhear, para lêr com attenção, o actual programma de ensino, em vigôr nos grupos escolares do Estado, perceberá logo que nos não fallecem combóios de razões

Começámos hontem a disseccal-o, e o fazemos ainda hoje, propellidos á lucta e á critica pela certeza ou pela legitimidade da nossa orientação e pelo apoio sempre animadôr dos melhores auctôres, onde o nosso espirito — cuja aspiração é a Verdade — se foi saturar das mais sadias doutrinas e dos mais puritanos principios pedagogicos.

Accommettemol-o, portanto, despiedadamente, por um extenso catalogo de motivos.

Todo professôr conhece quão vasto é o dominio da educação.

Não pretendemos, por isso, com a modestia dos nossos apoucados recursos, no rapido apanhado que fazemos, nos resumidos paragraphos que publicamos — responder de vez a todas as questões que se poderiam estabelecer, quando se encara, já como pai, já como mestre, já como sociólogo, a educação das creanças e dos jovens.

Por mais diversos que se nos afigurem, por mais numerosas que se nos deparem, ou por maior que seja a sua complexidade — se reconduzem sempre a estas tres essenciaes :

- 1) — os programmas de ensino ;
- 2) — os methodos de ensino ;
- 3) — aquelle que recebe instrucção, isto é, as aptidões das creanças.

E será nessa ordem que iremos desenvolvendo as nossas considerações. Cingimo-nos ás ideias e aos conceitos de Binet (1), enfeixados pela mais profunda e criteriosa observação das escolas allemães, francezas e americanas, e dos processos de ensino, que recommendam essas instituições didacticas.

Não sômos os unicos que reconhecem os defeitos, os êrros e a confusão do programma de ensino vigente.

A própria e passada *Inspectoria geral da instrução*, convicta de que o plano dos estudos dos grupos escolares é um amontoado de noções desconexas, ás vezes complicado num ponto pelo extremo das exigencias, ás vezes resumido em outros por descabidos propositos — a própria *Inspectoria da Instrução*, a terceira das auctoridades, que, na hierarchia administrativa, superintendem aos negocios do ensino — viu que o dr. Lane e o dr. Oscar Thompson andaram mal na redacção de semelhante programma, agindo impensadamente ou antes precipitadamente, sem a reflexão necessaria em um trabalho tão serio e de subida, indiscutível importancia. Foi por isso que, a titulo de experiencia, aquella auctoridade de ensino fello intercalado de *instruções*, que nada mais significam sinão *um programma no programma!*

Conclue-se, por consequencia, que não sómos os unicos *pessimistas*, quanto á maneira de o examinar e julgar.

* * *

Nunca será demasiado, em parte reiterar as ponderações já emittidas sobre as incongruencias do programma de ensino.

Na parte reservada á linguagem, resalta a absorção grammatical; transparece a preocupação das theorias, que sómente servem para fórmal *joãos das regras* pesados e indigestos.

Pelo reabuso das theorias, abrindo mão dos exercicios praticos, que valem tudo e em que as creanças descobrem as regras grammaticas para nunca mais olvidar, os alumnos saem do curso preliminar, redigindo mal, sem o habito das composições, que os preparam para a realidade da vida.

As aulas de linguagem são as que mais importam a quem vai iniciar a sua instrução elemental.

Pela facilidade da redacção, pela clareza e simplicidade do estylo, que consegue com o regimen rigoroso das composições — o alumno abordará qualquer assumpto, reproduzindo-o e dando-lhe corpo, com os seus limitados recursos literarios: cada trabalho apresentará forçosamente uma correcção relativa.

Sabendo dividil-o ou arranjal-o em sentenças, ora simples, ora compostas, ora complexas, sem a superabundancia das virgulas, terá um valioso expediente em seus estudos, por mais difficultosos que sejam.

Eis porque, muitas vezes, são inhabilitados estudantes muito bem preparados em sciencias, por não saberem *despejar* no papel ou nos ouvidos dos examinadôres as noções que lhe enriquecem o espirito, no momento perigoso da sua prova graphica e da oral.

Saber e não revelar o que sabe nas horas de exame — é mostrar-se ignorante. Ao contrario, são muitas vezes habilitados estudantes pernósticos galrejadôres, que dispõem de algum traquejo de linguagem e de estylo e pôdem, por isso, desenvolver, com alguma vantagem, as insignificantes noções e os poucos conhecimentos sobre as diversas disciplinas, que lhes cabem por sorte.

Os principios de arithmetica, que os grupos escolares devem transmittir a seus alumnos, são muito poucos, attendendo se á idade de uma creança de quarto anno elemental; o programma é muito resumido: faltam-lhe as *proporções*, cuja theorica, cuja pratica está ao alcance de qualquer intelligencia de doze para treze annos.

A' primeira analyse, deixa parecer que o não podemos mais ampliar. Mas, cortando-lhe algumas doutrinas e transferindo-as para o terceiro anno — accrescentaremos-lhe, por exemplo, os estudos mercantis.

Não pôde uma creança de quarto anno preliminar receber licções elementares de *escripturação mercantil*?

Então, riscar papel para tomar apontamentos commerciaes do que se vende do que se compra, do que se fia — não é accessivel a um cerebro no liminar da adolescencia?

O programma prolixo de historia da Patria não ha professor que o leve a cabo, a menos que não sacrifique o de outra qualquer materia; o mesmo se pôde afirmar do de educação civica e moral.

O de sciencias physicas e naturaes, completamente sem nexos e baralhado, attesta o desamôr pela ordem e a anarchia dos cerebros, que o elaboraram.

O programma de gymnastica é uma phantasmagoria ou simples ornamento e mera formalidade — primeiro, porque, com a *nova orientação* importada da America do Norte pelo directôr effectivo da Escola Normal, não haverá mais professor que o desenvolva, pois o professorando normalista não faz mais, como em outros tempos, estudos serios da disciplina; segundo, não havendo, nos grupos escolares, professores contractados, nem especialistas, nem amadores, deixará de ser cumprido o que elle prescreve.

Não sabemos por que motivo se restringem tanto os diversos meios de cultura physica dos rapazes, quando se augmentam, pelo *basket ball* e outros exercicios salutareos, os processos da hygiene muscular das meninas.

Será pelo receio de que a gymnastica embruteça ás creanças?

Ora, quantas pessoas rachiticas e enfezadas não são grosseironas e descortezes? Quantos anões não ha por ahi a infeccionar a sociedade, com a tuberculose nos musculos e na propria alma?

Não é a robustez physica que torna os individuos incivis e malcreados. Logo, não se deve reduzir o programma de gymnastica pelo pretexto futil e inaceitavel de que os rapazes, fortalecidos pelo exercicio, se tornem aleijões moraes e uns intellectuaes desequilibrados.

Na Inglaterra, na Suissa, na França, na Allemanha, na America do Norte, na Italia, os jovens aprendem gymnastica e nem por isso deixam esses povos de ser os principaes dos paizes do mundo pelo tracto lhano, diplomata e delicado.

Quem sabe si não se deve introduzir a gymnastica nas escolas de rapazes porque ella os torna musculosos e essa predominancia de nervos e de musculos enleia a plastica masculina pela exuberancia e aspereza do relevo?...

Si assim é, tractemos então de afeminar mais as escolas masculinas; introduzindo no programma o brinquedo das bonecas e todos os variados passatempos que não embruteçam o individuo, nem physica, nem moral, nem intellectualmente...

O programma de desenho sómente poderá ser comprehendido, com algum successo, pela classe cujo professor possuir aptidão manifesta para artes.

E' preciso que o mestre, com o giz na mão, vá ao quadro negro mostrar, com traços pr'aqui e pr'alli, isto é, ligeiramente, como se deve fazer o esboço de uma folha, pessoa, ou coisa e animal.

Si o professor não tiver uma alma de artista, si o alumno não tiver talento para o lapis e para as tintas, nenhum resultado será obtido nas aulas de desenho.

* * *

E' quanto nos cabe á penna, nesta occasião, relativamente ao programma actual de ensino.

Quem quizer certificar-se de que o pintamos com as suas côres verdadeiras — basta lê-lo ou mesmo olhal-o.

Temos o direito de fazer a critica ao programma de ensino, em que pesem desagradavelmente aos seus auctôres os defeitos, que apontamos á correcção, e os seus anti-pedagogicos e anti-psychologicos traços geraes.

Não sómos obrigados a procurar, conhecer, por vias travessas, a opinião de cada um dos progenitores de semelhante *feto*, apenas para lhes sermos agradaveis pelo acôrdo das opiniões e pela uniformidade, pelo consorcio das ideias, bem como pela cortezia dos applausos.

Fazemos de um programma de ensino uma concepção bem diversa daquella que combatemos com vehemencia, por ser completamente falsa, improvisada e *manquée*...

Convidamos, por isso, aos auctôres do programma, a reflectir um pouco, para emendarem a mão; mas, que o não façam sósinhos: uma andorinha só não faz verão que preste...

Lembrem-se, desde já, que, pelos programmas de ensino, sabemos logo qual o fim de uma casa de educação, qual a sua função real.

Quanto ao nosso, qual será o seu fim?

Um punhado de noções, mais outro punhado de noções, mais outro e mais outro . . . tendem a que?

Que é que *pretende formar* um tal programma de ensino?

Que é um programma de ensino?

Respondemos com Alfred Binet: — Chama-se programma a LISTA DETALHADA das noções ministradas na escola; completamol-a: tendentes todas a certo fim ou ideal.

E' preciso, porém, reconhecerem que o contexto de um programma, que se vae ensinar á creança, exerce uma influencia enorme sobre a educação da intelligencia.

O espirito, com que são concebidos os programmas, nos revela parcialmente qual é o fim, o ideal que se propõe a attingir; e é com esse intuito que se estabelecem graves questões sobre o valôr desse ideal, seu valôr absoluto, e, sobretudo, seu valôr relativo ao tempo e á raça.

Póde-se perguntar, por exemplo: — Deve-se desenvolver na creança, principalmente a instrução ou a intelligencia, principalmente a intelligencia ou tambem a vontade, principalmente a vontade ou tambem a força physica?

— Deve-se, em outros termos, segundo o que ensina Binet, tomar como ideal o typo do intellectual reflectido e sedentario, que se desenvolve pela cultura das humanidades e que tende, indiscutivelmente, a tornar-se um funcionario e mais tarde um aposentado ou reformado?

— Deve-se escolher o typo do homem de acção, do commerciante, do industrial, do agronomo e mesmo do colono — homem cheio de iniciativa, que sómente conta comsigo proprio e que colloca os resultados materiaes da sua actividade acima dos cuidados da sua cultura intellectual?

Acceitemos as licções desse profundo investigadôr das *Idées modernes sur les enfans* e encaremos agora um outro problema, que põe igualmente em arena um ideal de educação.

— Devemos procurar desenvolver, sobretudo, na creança, os habitos sociaes, como o habito da disciplina, a procura ou a escolha de agrupamento, a solidariedade, a dedicação a interesses geraes e uma multidão de outras qualidades excellentes, que são do mesmo genero e altamente sociaes?

— Devemos, ao contrario, fornecer tudo quanto dá arrojo ao individuo, á sua personalidade, á sua vida interiôr, isto é, o juizo pessoal, o senso critico, o espirito de independencia?

Todas essas bellas questões têm excitado as opiniões mais de uma vez.

Si, porém, queremos que ellas deixem o estado de formulas vagas e banaes, que ampliam dissertações literarias — devemos primeiramente julgar o valôr relativo desses vastos ideaes de educação, examinando o meio, o tempo, a raça, as necessidades e as aspirações da sociedade, cuja educação se pretênde fazer.

O que é bom para os Inglezes, isto é, para os *Anglo-saxomios* póde ser detestavel para os latinos; o que é bom para tal povo, tal grupo, tal classe, tal creança, póde não convir a outros.

Ha, como se vê, uma longa discussão a fazer, discussão de psychologia, de pedagogia e, sobretudo, de *sociologia*.

Façamol-a, pois: com ella se fará a luz sobre as trevas...

E' preciso, que nos estorcemos por saber como uma educação deve ser concebida, para satisfazer plenamente ao ideal educativo que se houver escolhido e essa apuração não é de todo facil.

Não basta fazer uma declaração de principios. Não basta dar direcções moraes. Não basta fazer appellos eloquentes á boa vontade de todos.

E' preciso que a obra do ensino seja organisada de tal modo que a ideia educativa influa mecanicamente sobre os processos de educação.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.

QUESTÕES GERAES

RELATORIO

APRESENTADO AO EX.MO SR. DR.

JERONYMO DE SOUZA MONTEIRO

Presidente do Estado do Espirito Sancto

pelo sr. Inspector Geral de Ensino

CARLOS A. GOMES CARDIM

EM 28 DE JULHO DE 1909

I

Ex.mo Sr. Dr. Presidente do Estado.

Em obediencia ao disposto no art. 46 do Decr. 365, de 19 de junho de 1908, cabe-me o dever de submeter á apreciação de V. Ex.ia o relatório circunstanciado da minha ingerencia nos negocios da instrucção publica do Estado.

Desobrigo-me, com satisfação, desse grato encargo, tanto mais quando posso congratular-me com V. Ex.ia pela completa e benefica transformação que se operou no departamento cuja direcção me foi confiada, desvanecendo-me sobremaneira.

Não é possível occultar o grande prazer que me empolga ao declarar que, graças á competencia e á dedicação do professorado espirito-sanctense, é um facto a refórma fundamental do ensino no Estado.

Apraz-me aqui consignar ainda as vantagens surprehendentes decorrentes do modo por que fôram postos em pratica os methodos e processos do ensino contemporaneo

Plano geral do ensino. — O ensino publico está dividido em primario e secundario.

Este é ministrado pela Escola Normal e aquelle pela escola complementar e modelo, grupos escolares, escolas reunidas e escolas isoladas.

As escola isolada e as reunidas têm um curso de tres annos e os grupos escolares e a escola modelo, de

quatro annos, sendo apenas de um anno o curso complementar

Ha entre essas escolas um verdadeiro liame, de modo que os alumnos complementam o curso preliminar com quatro annos de ensino e os que desejarem seguir o curso da Escola Normal terão o primeiro anno complementar como anno preparatorio.

Os alumnos, que concluirem o curso da escola isolada ou das escolas reunidas, poderão matricular-se no quarto anno de um grupo ou da escola modelo e os alumnos que tiverem terminado o curso em um grupo escolar ou na escola modelo, passarão para o complementar, que servirá de transição para a Escola Normal.

Uma vez conseguida pelo alumno a sua approvação na escola complementar, fica-lhe assegurado o direito á matricula na Escola Normal.

Inspectoria Geral de Ensino — De conformieade com o art. 66, da Lei 545, de 16 de novembro do anno passado, e Cap. XI do Dec. n. 230, de 1.º de fevereiro, e em observancia ao disposto no Dec. 365, de 19 de junho deste anno, que reformou a organisação administrativa do Estado, foi installada a Inspectoria Geral do Ensino em uma das salas do edificio

da Escola Normal, sendo nomeados secretario o sr. capitão José Corrêa Lyrio e amanuense, o sr. Alberico Santos.

E' de justiça que eu aqui saliente a dedicação, intelligencia e o mérito do secretario da Inspectoria do Ensino, o qual tem sabido corresponder á confiança e expectativa do Inspector Geral.

A escripturação da Secretaria Geral do Ensino está passando por uma reorganisação completa, cujo fim é tornar-a clara e em condições de poder fornecer informações seguras do movimento da repartição.

A secretaria da Escola Normal, sob a direcção cuidado-a e intelligente do respectivo secretario, professor Carlos Mendes, está convenientemente regulada e com todos os livros regulamentares competentemente escripturados.

Escola Normal. — Graças á illustração, competencia technica e boa vontade dos seus lentes e professores, esse estabelecimento, regularmente aparelhado, funciona com toda ordem e obedece a rigorosa disciplina seguindo cada lente ou professor o programma em vigor. O ensino é ministrado sob um ponto de vista inteiramente pratico, procurando-se tirar das questões praticas a theoria correspondente.

O ensino de linguas estrangeiras continúa a ser feito no proprio idioma, tendo-se obtido os mais satisfactorios resultados. E' justo destacar o da ingleza, que apresenta notaveis resultados com a applicação do methodo analytico feita pelo respectivo lente.

Os alumnos estão familiarizados com a lingua, revelando franco aproveitamento.

O ensino do idioma patrio tem a mesma orientação e, mercê dos esforços do lente interino, nota-se que não ha a preocupação da decoraçãõ mecanica de regras que são ensinadas indirectamente, isto é, o professor salienta-as, discute-as, quando se lhe depara o ensejo de fazel-o.

A mathematica e demais sciencias e as outras disciplinas do curso normal têm merecido todas as atenções dos

seus lentes e professores, que continuam a dar ás lições um cunho moderno, tornando-as attrahentes e proveitosas.

As cadeiras de portuguez, physica e chimica e historia natural, desdobradas, em virtude do estatuido pela lei 545, de 16 de novembro do anno passado, não foram ainda preenchidas effectivamente.

A primeira foi occupada mediante contracto pelo lente de inglez; a de physica e chimica não se preenchem porque, passando do 2.º para o 3.º anno da Escola Normal e tendo já os alumnos prestado naquelle exames que vieram a pertencer ao 3.º, o lente foi designado para leccionar unicamente a cadeira de historia natural.

Peço permissão para lembrar a V. Ex.ia a conveniencia da provisãõ dessas cadeiras e ponho em relevo a necessidade indeclinavel da divisãõ da sexta — geographia e historia. — que consitue actualmente um pesado encargo para o lente, por isso que elle é obrigado á explicação da geographia geral e geographia do Brazil e da historia geral e historia do Brazil.

Desdobramento da Escola Normal. — Por conveniencia do ensino e da disciplina, foi a Escola Normal desdobrada em secções, uma feminina e outra masculina, funcionando a masculina, no pavimento terreo e a feminina, no primeiro andar.

Esse facto, alliado aos beneficios da organisação do ensino, trouxe um augmento consideravel de frequencia, por 96 alumnos, segundo se vê do annexo n. 18, quando no anno passado a frequencia foi de 69.

Curso complementar. — Os alumnos que actualmente pertencem ao 1.º anno da Escola Normal foram matriculados com certificado de exame da escola-modelo ou dos antigos definitivos.

Tendo verificado, entretanto, que os alumnos por este meio, entravam muito creanças para a Escola Normal, que é um curso secundario e profissional, propuz a V. Ex.ia a creação de um anno complementar, que servisse

de intermediario entre o curso primario e o secundario.

Esse curso, com caracter provisorio, foi installado e julgo de vantagem a sua organisação definitiva, por isso que elle é o elo que liga o curso primario ao secundario.

O curso complementar vem prestando relevante serviço, porque obriga o alumno a uma revisãõ dos estudos, completando o ensino elemental.

Para exercer os cargos de professores desse curso, foram contractados a normalista d. Maria Virginia de Freitas Calazans e o sr. Pedro Soares Guimarães, que estão executando o programma organisação para o exame de habilitação para o magisterio primario, o qual foi augmentando com o estudo de noções da lingua franceza.

A escola complementar é frequentada por 36 alumnos, sendo de 30, 8 a média de comparecimentos.

Escola Modelo — Os professorandos do Estado têm, para campo de experiencia e necessario preparo tecnico, a escola-modelo, devidamente aparelhada. Ahi os professorandos, assistindo ás aulas dos respectivos professores e leccionando por designação do lente de pedagogia, se habilitam convenientemente para o exercicio da nobre função de diffundir o ensino por todo o Estado, obediẽtes aos methodos e processos ho-diernos.

Tem, pois, esse estabelecimento modelo o duplo fim de prodigalizar o ensino preliminar e servir de campo experimental, onde os professorandos da Escola Normal e os candidatos ao magisterio publico, após o exame de habilitação, vão conquistar a pratica indispensavel.

A escola-modelo está dividida em duas secções: masculina e feminina.

A primeira é dirigida por dois professores e a segunda por seis professoras, accusando a matricula 329 alumnos, que dão uma frequencia média de 260.

Apezar de ser muito boa a frequencia da Escola-Modelo ainda poderia ser maior si não sobreviessem as epidemias de camaras de sangue e sarampo, que tantos alumnos desvia-

ram da escola e diversas vidas ceifaram.

Nessa escola a methodo analytico e processo intuitivo predominam de um modo completo e os resultados obtidos têm sido plenamente satisfactorios, graças á competencia e dedicação do illustrado corpo docente que se identificou com a sua profissão, fazendo della um verdadeiro sacerdocio.

Cumpro um dever de justicia, salientando a assiduidade dos professores e alumnos da escola-modelo, os quaes, depesando as intemperies e não medindo sacrificios, correm quotidianamente ao desempenho da sua nobre e ardua missão, correspondendo brilhantemente ás aspirações do seu directôr.

Já tive ensejo de dizer e ora repito: a escola modelo *Jeronymo Monteiro* está organisação de tal modo que nada tem a invejar das suas congêneres de outros Estados.

O edificio, si bem que não tenha sido construido para tal fim, com as adaptações feitas, presta-se admiravelmente para uma escola-modelo. Possui salas excellentes com todas as condições aconselhadas pela hygiene e pela pedagogia.

O mobilario é de primeira ordem, moderno, dando ás salas um aspecto que satisfaz ao mais exigente observador.

Batalhão infantil « Jeronymo Monteiro ». — Com o intuito de preparar o futuro cidadão, o defensor imperterrito e consciente da Patria, o obreiro forte e resolutivo em todos os momentos creados pelo patriotismo — organisou-se o batalhão infantil *Jeronymo Monteiro*, que já tem dado sobejas provas de seu aproveitamento.

Esse batalhão está infantilmente mobilisado, possuindo carabinas imitação *Mausser*, banda de tambôres e cornetas e Bandeira Nacional.

Os alumnos fazem exercicios, com relativa precisão, de escola de recruta e escola de companhia.

O entusiasmo que reina entre esses pequeninos defensores da Patria é indescriptivel.

Banda do Batalhão infantil « Jeronymo Monteiro ». — Visando

o complemento da educação dos alumnos da escola-modelo e da Normal e desejando dar á musica um destino inteiramente pratico, propuz a V. Ex.ia a creação de uma banda de musica infantil. Com a prompta acquiescencia de V. Ex.ia, organisou-se a banda infantil, composta de 22 figuras, sendo os exercicios iniciados sob a competente direcção do distincto militar capitão João de Barros que com auctorisação do dr. Orozimbo Lyrio, dignissimo commandante do corpo militar de Policia do Estado, gentilmente aceitou o encargo da instrucção musical dos alumnos, encargo em que se tem tornado notavel pela sua dedicação e constancia.

Dentro em breve espero tornar patentes os resultados beneficos dessa iniciativa extremamente util.

Theatro infantil.—No salão nobre da escola-modelo foi construido com algum capricho, um palco destinado a despertar o gôsto pela arte dramatica e extinguir ao mesmo tempo o acanhamento natural das creanças, concorrendo para exercitar a dicção, memoria, declamação e o canto.

Esse palco foi inaugurado no dia 12 de maio deste anno e já diversos espectaculos se têm realisado. Fôram representadas comedias em prosa e em verso, e recitados monologos e poesias, cantando os alumnos cançõetas infantis, hymnos e canções a duas e tres vozes.

E' justo que eu saliente aqui o merito do maestro Antonio Auñon Sierra que se tem devotado com ardor ao ensino dos hymnos e canções escolares, colhendo optimos resultados.

Posso declarar, com inteira satisfação, que ha grande entusiasmo, não só entre os alumnos empenhados fortemente no exito dos espectaculos, como entre os espectadores que não regateam applausos ás representações infantis.

Sendo um incentivo, o theatrinho da escola *Jeronymo Monteiro* vem preencher uma lacuna da organização escolar espirito-sanctense.

Aulas de marcenaria e modelagem.—Fôram inaugurados no dia 15 de abril deste anno as aulas de marcenaria e modelagem, tendo

sido contractado para dirigilas o sr. José Calazan Pinto de Azevedo.

Não nos dominou o espirito a preocupação de fazer marceneiros ou esculptôres, quando propuzemos a creação dessas aulas.

O unico intuito é despertar o gôsto pela arte, provocar a revelação de vocações e ao mesmo tempo integrar o ensino com a instituição de uma escola de artes.

As officinas de marcenaria e modelagem estão convenientemente montadas, podendo-se confeccionar trabalhos interessantissimos e uteis, como se evidencia dos já executados pelos alumnos que as frequentam.

A officina de marcenaria é aproveitada ainda para explicações aos alumnos das aulas nocturnas, que, dest'arte, apprendem um officio que lhes poderá ser de utilidade, proporcionando-lhes um meio de prover dignamente as necessidades inadiaveis.

O Estado presta, com o ensino do officio de marcenaria, relevantissimo serviço á mocidade.

Exposição de trabalhos.—Realisou-se a 29 de novembro de 1908 a abertura da exposição de trabalhos da Escola Normal, escola-modelo, grupo escolar e escolas nocturnas, facto esse que se revestiu da maxima solemnidade.

Figuraram na exposição 516 trabalhos, entre os quaes muitos de subido valôr. Por ella já se pôde calcular a importancia da orientação dada ao ensino actual que se recebeu o influxo da preocupação dominante de tomal-o efficaz e util e essencialmente pratico. A nova direcção exige dos alumnos a confecção de trabalhos de gulha, preocupando-se especialmente com os pontos, pospontos, alinhavos, bainhas, cenziduras, remendos, vestidinhos, etc..

A exposição foi bastante concorrida, recebendo os alumnos francos elogios, não só dos visitantes, como da imprensa victoriense.

Por ocasião da sua abertura, lavrou-se a seguinte acta, que foi assignada pelo Ex.mo sr. dr. Presidente do Estado, auxiliares do governo e pessoas gradas, que acompanharam

S. Ex.ia até o salão nobre da escola modelo.

Acta da abertura da exposição dos trabalhos da Escola Normal, Escola-Modelo «Jeronymo Monteiro» e do Grupo escolar.—Aos vinte nove dias do mez de novembro do anno de mil novecentos e oito, a convite do sr. professor Carlos Alberto Gomes Cardim, directôr da escola-modelo *Jeronymo Monteiro* annexa á Escola Normal do Estado, compareceu, ás doze horas da manhã, no salão nobre da mesma escola, S. Ex.ia o sr. dr. Jeronymo de Souza Monteiro, presidente do Estado acompanhado dos membros de sua comitiva, afim de inaugurar a exposição dos trabalhos escolares dos alumnos da Escola Normal, Escola Modelo annexa e bem assim os do Grupo Escolar, que fôram executados durante o anno lectivo de mil novecentos e oito.

Havendo S. Ex.ia com os demais presentes, percorrido o salão nobre da Escola Modelo, em que se achavam expostos todos os trabalhos, declarou S. Ex.ia inaugurada a exposição, pelo que o sr. professor Carlos Alberto Gomes Cardim, directôr da referida escola, mandou franquear o recinto ao publico.

E, para constar, eu, Carlos Mendes, secretario da Escola Normal e Escola Modelo annexa *Jeronymo Monteiro* lavrei a presente acta, que assignam S. Ex.ia o sr. dr. Presidente do Estado, com os da sua comitiva.

Victoria, Salão nobre da Escola Modelo *Jeronymo Monteiro*, 29 de novembro de 1908.

Commemorações Civicas e o Jornal «Patria».—Na Escola Normal e na Modelo, no grupo escolar da Capital, em todas as escolas remodeladas, tem-se effectuado, de conformidade com o disposto no art. 30 da lei n. 545 de 16 de novembro de 1908, sessões civicas, em homenagem ás datas que relembram os factos principaes da historia nacional.

Essas sessões são divididas em duas partes: na primeira o professor dá uma explicação clara e vibrante do acontecimento e em seguida os alumnos recitam poesias, allocuções allu-

sivas e cantam o hymno Nacional, o da Bandeira e o da Republica e canções patrioticas; na segunda parte a commemoração é escripta. Os alumnos, de acôrdo com a sua classe, copiam trechos, pequenas composições e, ou escrevem um resumo da historia do facto, dictado pelo professor, ou uma composição livre sobre a data homenageada.

Entre as datas nacionaes, introduzimos na Escola e festejamos a da approvação das côres e symbolos da Bandeira Nacional — 19 de novembro.

Realisamos, na escola-modelo, recordando essa data, uma festa bastante significativa revestida de brilho excepcional, a qual despertou em todos os corações a mai grata e profunda emoção.

Em primeiro lugar houve a sessão civica em todas as aulas, em cada uma das quaes se via uma Bandeira Nacional desfraldada entre flôres e em tôrno della os alumnos passavam jogando petalas e entoando o hymno á Bandeira.

Após a sessão civica nas classes, em homenagem á Bandeira Nacional, realisou-se um magnifico torneio de gymnastica em que os alumnos revelaram bastante aproveitamento. Em seguida o batalhão escolar *Jeronymo Monteiro* recebeu a sua Bandeira com todas as formalidades militares. O auri-verde pendão passou por entre alas de alumnos que atiravam flôres e cantavam o hymno respectivo, rendendo assim um preito da mais profunda veneração ao sagrado symbolo da Patria.

E' opportuno salientar a necessidade dessas festas civicas que reputo indispensaveis e as unicas capazes de exterminar o indifferentismo que campeia entre o povo pelas coisas patrias.

E' mister collocar bem alto os factos nobilitantes da nossa brilhante historia e destacar os vultos homericos que nelles tomaram parte, pois moralmente lhes pertence a magnitude dessas paginas que honram a nossa nacionalidade.

Só assim, por meio da propaganda ardorosa na escola, conseguiremos

despertar e fortalecer o amor e o respeito que devemos a tudo que resume a grandeza da Nação Brasileira.

A escola modelo *Jeronymo Monteiro* tem um jornal de pequeno formato intitulado *Patria*, que se publica em todos os dias de festa nacional e onde os alumnos ensaiam seus vãos na imprensa, publicando pequenas produções literarias, moraes e civicas.

Grupo escolar da Capital. — O grupo escolar da Capital, dirigido criteriosamente pelo professor Francisco R. da Fraga Loureiro, iniciou as suas aulas no dia 14 de setembro de 1908 e está funcionando provisoriamente no edificio em que funciona a Escola Normal.

Para aproveitar o mesmo edificio, alterei, com auctorisação de V. Ex.ia as horas regulamentares estatuidas para os trabalhos do grupo, de fórma que as suas aulas começam a funcionar ás 8 horas da manhã e terminam ás 12.

A matricula no grupo escolar é relativamente pequena. Podemos admittir como causas directas determinantes desse facto: a impropriedade da hora de aula e a proximidade da escola-modelo.

Estou certo de que, com a mudança do grupo para o predio de rua Pereira Pinto, n. 18, que está passando por uma completa reforma de adaptação ás exigencias pedagogicas e com a substituição do horario ora em vigor, o numero de alumnos elevar-se-á, no minimo, a trezentos.

Este grupo dispõe dum corpo distincto de professores, e todos, irmanados pelo mesmo objectivo e visando um escopo unico, vão se desempenhando da melindrosa tarefa com a dedicação que sóe caracterizar o verdadeiro professor e correspondendo vantajosamente aos designios do governo.

O grupo escolar tem 206 alumnos matriculados, sendo de 158 a média de frequencia.

Escolas reunidas. — A instituição *escolas reunidas* não é mais que um grupo escolar reduzido, isto é, a organização deste é semelhante

á daquellas, com a differença unicamente de ter o grupo oito professores. quatro para cada secção e as escolas reunidas, tres para cada secção.

Já está em via de organização, no Cachoeiro de Itapemirim, o estabelecimento de ensino *escolas-reunidas*.

As escolas reunidas do Cachoeiro do Itapemirim irão funcionar, provisoriamente, em predio alugado, ligeiramente adaptado ao fim a que se destina, passando dentro em breve a funcionar em edificio com todas as adaptações e rigôres necessarios a uma boa casa de instrucção.

Escolas isoladas. — O Estado do Espirito Sancto conta actualmente 127 escolas isoladas privadas, as quaes se acham convenientemente reformadas, em virtude da radical modificação que soffreram com um programma perfeitamente exequível. Dispôndo de uma organização modesta, tem a escola isolada como fim essencial o preparo das creanças para as primeiras necessidades da vida pratica.

O ensino analytico intuitivo, de acôrdo com os principios, methodos e processos da pedagogia moderna, está sendo pôsto em pratica em todas as escolas isoladas do Estado.

O entusiasmo que se nota no professorado é uma segura garantia de estabilidade da reforma do ensino, posta em pratica em julho do anno passado.

E' com o maximo prazer que assevero que o methodo analytico no ensino de leitura constitue uma vantagem irrefragavel em todas as escolas publicas. Incontestavelmente o trabalho do professor é muito maior com a applicação deste methodo, mas em compensação os resultados são incalculaveis, resarcindo todos os sacrificios dos professores, que começam immediatamente a colher o fructo dos seus esforços e satisfazendo aos alumnos que, desde o primeiro dia de aula, começam a lêr e escrever.

As vantagens do methodo analytico são evidentes, principalmente porque são logicas e naturaes.

Ao mesmo tempo que pelo methodo analytico conseguimos resultados immediatos, com elle evitamos os vi-

cios que advêm inevitavelmente do emprego do methodo synthetico.

Geralmente o professor consome um tempo precioso para arrancar da creença os vicios contrahidos pelo methodo da soletração ou pelo da syllabação.

Não desejamos fazer do professor um automato; cabe-nos, no entanto, o dever de zelar desveladamente pela homogeneidade e harmonia de vistas no ensino, para que elle não seja arastado pelo caminho incongruente da anarchia.

O papel do educador consciente é procurar o methodo de ensino que a evolução da pedagogia apontar. Dar liberdade aos professores seria implantar a confusão no ensino, por isso que cada cerebro é um capitolio e cada cabeça uma sentença.

E' um facto que a ninguem é dado negar, a existencia de alumnos que, por uma aberração, encontram difficuldade para apprender por um methodo simples, indo muitas vezes encontrar facilidade em outro cuja complexidade é notoria. Mas si o educador procurar o methodo racional, natural e logico, para o ensino de leitura; si elle, depois de cuidadosa e afincadamente estudar os diversos processos, chegar a conclusão, de acôrdo com os mais competentes no assumpto, que existe um methodo que sobrepuja aos outros e cujos resultados experimentaes attestam essa superioridade, nada ha a receiar da applicação desse methodo, cuja excellencia já foi confirmada e preconizada.

Não se pôde contestar que o methodo da soletração é obsoleto.

Entretanto, durante o seu predomínio entre os nossos maiores, ninguem deixou de apprender pelo unico facto de ser difficil conseguil-o com o seu auxilio.

Houve, como é natural, mais facilidade para uns que para outros; uns apprenderam a lêr em um anno; outros gastaram dois outros, mas apprenderam tambem.

O mesmo succederá com o methodo adoptado no Espirito Sancto: para alguns alumnos será de uma vantagem

enorme e para a maioria será de absoluta vantagem.

As observações abaixo, são, Ex. mo Sr., provas convincentes, que vêm em abono das asserções que avanço.

O primeiro anno feminino da escola-modelo tem 45 alumnas matriculadas e passarão para o segundo 38, o que quer dizer, mais de 84 % dos alumnos matriculados.

O primeiro anno masculino tem 43 alumnos matriculados e passarão para o segundo 35, isto é, mais de 80 %.

Confesso, Ex. mo Sr., que estou extremamente satisfeito com o resultado alcançado com a introdução do methodo analytico da sentenciación os quaes compensam de uma fórma brilhante os grandes e-forços que, porventura, tenhamos dispendido no trabalhoso periodo de reformas reclamadas por este importante ramo da administração.

Reunião de escolas. — Em algumas localidades do Estado reuniram-se em um só edificio todas as escolas, acarretando esse acto duas vantagens: as escolas ficam com salas vastas e hygienicas e realisa-se uma economia apreciavel para os cofres publicos.

Assim, na Serra, as suas tres escolas estão muito bem installadas em salas confortaveis, preparadas para esse fim; em S. Matheus, que dispõe de quatro escolas, se procederá brevemente a reunião em um predio magnifico; na cidade do Espirito Sancto, (Villa Velha), Porto das Argolas e Villa Rubim, lugares em cada um dos quaes existem duas escolas, a reunião produziu esplendidos resultados; finalmente em Sancta Leopoldina, as quatro escolas dentro em breve serão estabelecidas em salas, cujas adaptações estão quasi concluidas.

Na Villa Rubim e Argolas os predios foram construidos especialmente para escolas, de modo que as salas obedecem a todas as prescrições prophylaticas.

Além das vantagens apontadas, ainda uma outra se impõe, decorrente da reunião em um só predio — a fiscalisação é exercida pelos proprios professores, surgindo dali o beneficio

estímulo para o cumprimento estrito dos deveres inherentes ao honroso cargo.

Escolas mixtas. — Existem no Estado 28 escolas mixtas que recebem já os influxos da nova reforma e que têm sido coroados pelo mais feliz exito.

Acho de toda conveniencia a manutenção dessas escolas, principalmente nos lugares em que não haja população escolar capaz de justificar e criação de duas escolas — uma feminina e outra masculina.

Escolas nocturnas. — As escolas nocturnas continuam a prestar seus relevantes serviços ao proletariado, fortalecendo-lhe o espirito e preparando-o para emprehender com vantagem a lucta pela existencia.

O predomínio do forte sobre o fraco cada vez mais se accentua; a selecção natural mais e mais se caracteriza e a força do corpo casa-se admiravelmente com a força do espirito no combate que se trava para essa selecção.

Tem o homem, portanto, que se arma para a lucta, fortificando o corpo e tonificando o intellecto, constituindo um dever—as sociedades bem organisadas, proporcionar-lhe todos os meios de defeza.

Ahi estão as escolas nocturnas com as suas portas abertas de par em par, offerecendo os seus recursos aos operarios, que necessitam da luz do espirito que lhes deve aclarar a razão.

Funcionam na capital tres escolas nocturnas com 102 alumnos que recebem instrucção dos dedicados professores Francisco Loureiro, José Ferreira Nunes da Silva e Antonio Pereira.

Escolas providas, por prover e pedidos de criação. — O Estado do Espirito Sancto está com 139 escolas providas de professores, 19 vagas e 11 pedidos.

Comparando-se o numero de escolas providas antes da reforma com o numero dellas actualmente, nota-se um augmento consideravel de 53 escolas.

E' mister assignalar ainda o facto de termos para provêr 19 escolas e

existirem 11 pedidos justos de criação em diversas localidades.

Aproveito o ensejo para lembrar a V. Ex.ia que a verba consignada para as despezas com o serviço deste departamento é insufficiente e que essas escolas não poderão, por esse motivo, ser providas, em detrimento da infancia que continuará a permanecer na mais dolorosa ignorancia.

Exames de habilitação para o magisterio publico. — Habilitaram-se para o exercicio do magisterio publico, de acôrdo com o novo regulamento, quatro candidatos. As commissões examinadoras, segundo determinam as leis vigentes, ficaram constituídas por lentes da Escola Normal. Os examinandos foram bem succedidos, sendo, dos quatro, dois approvados plenamente e dois simplesmente.

Este facto demonstra que o programma para o exame de habilitação que parece muito exigente, está perfeitamente ao alcance de todo candidato que tiver o preparo indispensavel a um professor modesto.

Os candidatos que se habilitaram para o magisterio, de acôrdo com o regulamento em vigor, foram os cidadãos João B. Sarmet, Aristobulo B. Leão, Maximo Tebaldi e Francisco Monteiro de Almeida, que já se acham regendo escolas do Estado.

Aposentadorias, remoções e dispensas. — Requereram o obtiveram as suas aposentadorias, os seguintes professores: Clementino Peixoto da Silva, Quintiliano Fernandes de Azevedo, d. Cecilia de Bomfim Lessa e d. Maria Apollinaria Vieira, de S. Matheus, Cachoeira de Itapemirim, Sancta Thereza e Iconha.

Fôram removidos, a pedido e por conveniencia do serviço, os seguintes professores: Theophilo Paulino da Silveira, de Jucutuquara para S. Matheus; d. Paulina Julia da Silveira, de S. Sebastião do Occidente para Affonso Claudio; Horacio Plinio do Nascimento, do Porto das Argolas para Jucutuquara; d. Petronilha Antunes Vidigal, de Sapucaia para Regencia; d. Joanna Amelia da Cruz Martins, de S. João de Alfredo Chaves para a Barra de Jucú; Bráulio de Mi-

randa Franco, de Duas Barras para Jequitibá; d. Zulmira de Moraes, do Porto de Cariacica para S. João de Alfredo Chaves; d. Delphina de Amorim Ramos, de Cachoeira do Rio Novo para Guimar; Alfredo Lemos, de Conceição do Castello para Rio Novo; José Joaquim de Siqueira, de Itaiaboia para Conceição do Castello; João Augusto de Lemos, de Sancta Thereza para Linhares; d. Maria Moraes Motta e Silva, de Alfredo Chaves, de Itanguá para Campinho de Sancta Izabel; d. Andrelina Espindola de Souza, da Villa Mascarenhas para Formath; Olyntho Rodrigues Batalha, da Villa Rubim para S. Matheus; Durval Araujo, do Grupo Escolar da Victoria para a escola de S. Matheus e desta para a da Villa Rubim e d. Osmedina Borges da Fonseca, da cidade do Espirito Sancto para o Grupo Escolar da Victoria.

Por conveniencia do serviço e para attender á disposição do artigo 11 da lei 545, de 16 de novembro de 1908, foram dispensados os professores das localidades seguintes: Sancta Leocadia, Itaunas, Barra de Riacho, Maratayses, e Regencia.

A professora desta ultima localidade, d. Joanna Passos, não se conformando com a sua dispensa, insuflada por individuos levianos e insensatos que mendigam escandalos e exploram incautos, levantou o seu protesto contra o Inspector Geral de Ensino.

Para que não pairam duvidas sobre a justiça que presidiu a todos os seus actos, peço licença a V. Ex.ia para fazer uma exposição fiel, clara e succinta de todos os factos que se relacionam com a dispensa da professora de Regencia.

Tendo chegado ao meu conhecimento varias queixas contra o procedimento da professora d. Joanna Passos, não só quanto ao cumprimento de seus deveres como quanto á sua vida privada, resolvi mandar o inspector escolar sr. Alberico Sanctos, que já havia dado cabal desempenho á commissão dessa natureza, á Regencia, verificar o fundamento das denuncias recebidas.

Esse inspector, lá chegado, não encontrou a professora no exercicio de suas funcções, apesar de ser um dia lectivo; e indagando das pessoas qualificadas do lugar quanto á veracidade dos factos attribuidos á alludida professora, colheu seguras informações de que ella não dava aula já havia algum tempo; que vivia passeando e que por isso era diminutissima a frequencia dos alumnos nos raros dias em que comparecia á escola e bem assim que era muito suspeito o seu procedimento, visto como andava ás vezes só, outras vezes acompanhada de pessoas desclassificadas, por lugares pouco frequentados, a horas avançadas.

Como a professora não estava em gôso de licença e em vista das informações colhidas, o inspector julgou bem fundamentadas as queixas feitas e neste sentido dirigiu-me o seguinte officio:

Ex mo Sr.. — Tendo regressado da viagem que emprehendi, acompanhado pelo professor de Cariacica sr. João Pinto Machado, designado para auxiliar-me, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ia que, no desempenho das funcções inherentes ao cargo que occupo, inspecionei a escola estabelecida na povoação Regencia, a qual é dirigida pela professora d. Joanna Passos. Chegado á povoação e precisamente no momento em que deviam ser iniciados os trabalhos escolares, dirigi-me ao edificio em que ella funciona, não encontrando vestigios sequer de observancia do horario estatuido por essa Inspectoria. Surprehendido pela falta, procurei conhecer as razões que levavam a professora Passos a não cumprir strictamente os deveres de seu cargo e soube: que não dava aula durante semanas inteiras, ausentando-se com frequencia da localidade, sem razão justificavel; que não observava horario nem programma de ensino e que, em summa, era censuravel a sua conducta privada. Estas accusações fôram corroboradas pelas principaes pessoas do lugar, que se comprometteram a dar provas irrefutaveis destes assertos. Assim sendo, e diante de provas irrecusaveis, acredi-

to que é prejudicial a permanência da referida professora no cargo que ora occupa, cargo que só pode ser exercido por preceptoras sobre cuja correção não paire a mais leve suspeita. Saudações. — Ex.mo Sr. Inspector Geral do Ensino do Estado do Espirito Sancto. — O inspector escolar, em comissão, *Alberto Lyrio dos Sanctos*.

Em face dessas informações e da circunstancia de não poder a escola da Regencia obter a frequencia media minima de 16 alumnos exigida por lei e não podendo por este motivo a professora respectiva perceber os vencimentos de seu cargo, resolvi solicitar de V. Ex.ia a sua dispensa, em o que fui immediatamente attendido.

A alludida professora, não contenta com a sua dispensa procurou-me, afim de saber qual a causa que a havia motivado, sendo cavalheirosamente attendida.

Aconselhei-a que se justificasse das accusações que lhe eram imputadas, e prosegui dizendo-lhe que havia um meio de apagar inteiramente essa denuncia e era pedindo aos paes de seus alumnos cartas que viessem patentear a falta de fundamento dessas accusações.

E' claro que não se podiam encontrar melhores provas de sua assiduidade e comportamento de que as offerecidas pelos paes dos proprios alumnos.

Ao envez da professora aceitar os meus razoaveis conselhos, submetteu-se a um exame que além de não ter valôr nenhum perante a sciencia, não vinha provar que ella fosse cumpridora dos seus deveres, bem como tivesse a indispensavel correção moral; e, valendo-se da imprensa, com linguagem pouco delicada, atacou o meu acto, como ao inspector que foi designado para proceder a syndicancia sobre os actos que lhe eram attribuidos.

Como nesse artigo ella se dizia victima de uma perseguição do inspector Alberico Sanctos, resolvi commissinar outro inspector, o sr. Archimino Mattos, para abrir rigoroso inquerito, recommendando-lhe o maximo

escrupulo, afim de, verificada a procedencia ou improcedencia das accusações contra a professora, apurar-se o criterio com que o primeiro inspector agira no desempenho de sua comissão.

O inspector sr. Archimino Mattos desempenhou-se perfeitamente da sua comissão, trazendo o inquerito de que resultou a prova de tratar-se de uma professora relapsa e de má conducta.

Ficaram destarte plenamente justificadas a lisura com que se conduziu o inspector Alberico Sanctos e a justiça do acto pelo qual foi dispensada a professora d. Joanna Passos.

Levo ainda ao conhecimento de V. Ex.ia que o meu antecessor no cargo de Director da Instrução Publica, já havia recebido do delegado literario da comarca de Santa Leopoldina, dr. Paulo Julio de Mello, um pedido de dispensa da referida professora, nos termos seguintes:

Delegacia da Instrução Publica da comarca de Saneta Leopoldina, em 27 de junho de 1908. — *Reservado*. — Ill.mo Ex.mo sr. dr. Director da Instrução Publica do Estado. — Sobre o caso noticiado pelo jornal *Estado do Espirito Sancto*, a respeito da professora publica de Mangaraby, havia officiado ao fiscal escolar para informar-me e poder eu, pelos canaes competentes, levar a V. Ex.ia o resultado do inquerito, quando fui surpreendido com a leitura de um officio que V. Ex.ia para engrandecimento e remodelamento da Instrução Publica dirigiu ao escrivão de orphans (!) pedindo informações, e em vista do qual julguei-me melindrado e apresentaria o meu pedido de demissão, si a confiança de que goso não dimanasse directamente do Estado, de quem recebi a nomeação.

Felizmente, porém, V. Ex.ia em data de 9 do corrente, por officio chegado ás minhas mãos a 18, pede-me as informações a respeito.

Estas são que, tendo findado a licença, em cujo goso se achava a professora d. Joanna Passos, conforme communicou ao fiscal escolar, em 10 de maio, deixou-se ficar em Cariacica,

não vindo reger sua cadeira sem dar a menor satisfação.

Informado tambem estou pelo meu antecessor, pois entrei no exercicio do cargo em 21 de março que a dicta professora nunca teve alumnos bastantes e que sobre sua conducta particular muito ha a desejar.

Julgo, portanto, que deve ser dispensada por abandono de emprego. Saude e fraternidade. — *Paulo Julio de Mello*, Delegado de Instrução.

Julgo não ter necessidade de acrescentar outras considerações para resaltar a justiça que presidiu ao acto da dispensa da professora d. Joanna Passos.

Mobiliario escolar. — O mobiliario escolar modelo e da secção feminina da Escola Normal é de primeira ordem. As carteiras são individuaes e dão á sala de aula um aspecto que agrada ao critico mais exigente, por isso que satisfaz perfeitamente a todas as aspirações do ensino moderno.

Além do mobiliario mencionado no anexo n. 27 ainda foram distribuidos pelas escolas do Estado 1300 carteiras duplas que devem ser occupadas por 2600 alumnos. Esses moveis foram feitos nesta capital, de acôrdo com o modelo fornecido por esta Inspectoria, e satisfazem convenientemente ás exigencias do ensino.

Não sendo sufficientes os moveis, visto que ainda existem 48 escolas desprovidas do necessario, pedi a V. Ex.ia mais 750 carteiras duplas, pedido que foi immediatamente attendido. Conto poder, dentro em breve, atender aos reclamos de todas as escolas, graças á attenção que merecem os pedidos da direcção do ensino publico estadual.

Das escolas do Estado 73 já estão convenientemente mobiliadas e acredito que, dentro em pouco, em dois mezes, talvez, conseguirei provêr as restantes do mobiliario indispensavel. Póde-se calcular rigorosamente o estado deploravel em que se achavam as escolas publicas

Em algumas povoações que visitei, tive o desprazer de vêr nas escolas caixões de kerozene substituindo carteiras e salas sem ar e sem luz, in-

fectas, servindo para aulas publicas!

Na escola do Campinho de Jacuhy, como não estava presente a professora, tive dificuldade de saber qual era a sala destinada á aula, porque encontrei uns quatinhos repellentes. sem o mais ligeiro indicio de escola!

Classificação do professora. — E' animado pelo mais justo entusiasmo que cumpro o dispôsto no artigo 62 da Lei 545, de 16 de novembro do anno passado.

Desobrogo-me desse dever com tanto mais satisfação quando, felizmente, a classificação é a mais lisonjeira que se póde almejar.

Mais de uma vez tenho dicto e agora se me offerece ensejo de affirmar, que o professorado publico espirito-santense é dedicado e competente, vindo essa classificação corroborar o meu asserto.

Do anexo n. 31 se vê que 74 professores foram classificados em primeiro lugar, exprimindo a magnifica porcentagem de mais de 63 %.

Esse facto é altamente significativo.

Com indizível satisfação rendo aqui um preito de homenagem a esses dignos e devotados obreiros da instrução, que com esforço, tenacidade e intelligencia, conseguiram galgar o honroso lugar na classificação procedida em obediencia á lei.

Colonias estrangeiras. — Infelizmente a mesma scena que se desenrola nos Estados do extremo sul da Republica, relativamente ás colonias estrangeiras, é precisamente observada nas colonias fundadas no Espirito Sancto.

Contamos entre nós colonias inteiras em completa ignorancia da lingua portugueza, conservando os usos, costumes, religião, lingua e até as proprias tradições do paiz de origem, quando, em sua maioria quasi absoluta, os seus habitantes nasceram no Brazil.

Tive occasião de verificar em uma dessas colonias que o «bom dia» ou «boa tarde» com que saudava os individuos, não eram correspondidos, simplesmente porque desconheciam até essas duas formulas vulgarissimas dos nossos cumprimentos.

E' doloroso confessar esse facto que muito nos contrista; entretanto, ha outros ainda que, longe de determinar esse estado dalma, provocam a revolta.

Assim é que, no Campinho de Sancta Izabel, onde me achava, com o fim de harmonisar os interesses do Estado com os da colonia nacional *germanisada*, visitei uma escola dirigida por um digno pastôr protestante. Notei muita ordem e disciplina e a sala de aula, relativamente bem mobiliada, era magnifica, ostentando nas paredes diversos quadros biblicos e historicos da Allemanha.

O allemão imperava de um modo acabrunhadôr e, em summa, só era nacional alli o sólo sobre o qual se elevava o edificio da escola.

Indo até a um grande pateo destinado ao recreio, notei que estavam em liberdade cerca de cincoenta alumnos do collegio. Desejando ouvir alguns daquelles brasileiros, dirigi-lhes perguntas que me não respondiam limitando-se a fitar-me com olhos interrogadôres de quem nada comprehendia.

Nessa occasião o pastôr interrompeu-me, dizendo: «Eu tenho um alumno que fala portuguez», e apresentou-me effectivamente um menino vivo, intelligente que, com o sorriso nos labios, começou a attender ás minhas indagações.

Perguntei-lhe o nome, que idade tinha, qual era o seu torrão natal; perguntei-lhe ainda qual era a sua nacionalidade.

Convictamente respondeu a todas as minhas interpeilações e concluiu dizendo com firmeza: «nasci no Rio Fundo, (pleno território espirito-santense) e sou allemão»!

E' facil comprehender qual seria a minha decepção e magua e a confusão do professor que assistia a essa pratica.

Numa escola primaria, em S. João de Alfredo Chaves, onde o elemento italiano predomina, os meninos não queriam entoar o Hymno Nacional nem cantar a canção *Sou Brasileiro*, sob o fundamento de não serem brasileiros.

Deante desses factos, com energia

e prudencia procurei debellar o mal extirpando as suas causas funestas.

No Campinho de Sancta Izabel, de acôrdo com a comunidade evangelica e com o distincto pastôr, á cuja guarda está confiada a educação dos descendentes de allemães, alli domiciliados, resolvemos o problema, designando o professor Esmerino Gonçalves para encarregar-se especialmente de ensinar portuguez, educação civica, geographia e historia do Brazil.

Além das providencias adoptadas sobre esse magno assumpto, foram, com auctorisação de V. Ex.ia, indicados dois professores para o collegio «Rita Beverini Machiavelli», onde era sensível o predominio do ensino em italiano. De acôrdo com o bondoso sacerdote frei Eugenio de Comiso, esses professores iniciaram os seus trabalhos escolares, que trouxeram como resultante uma notavel concorrência do idioma patrio sobre o italiano, leccionado no alludido collegio pelo digno sacerdote frei Caetano de Comiso que, revestido das funcções de delegado literario, tem prestado reaes serviços á causa do ensino publico.

Com o fim de propagar o conhecimento da lingua portugueza, foram creados, a titulo de experiencia, os cargos de professores ambulantes, que darão nas escolas que percorrerem nas regiões habitadas por estrangeiros e seus descendentes nacionaes, duas ou tres aulas.

Escolhi para leccionarem em Tyrol e Rio do Meio o sr. professor Henrique Thiness e em Luxemburg e Suissa o sr. Alberto Schirmer, ambos conhecedores quer da lingua portugueza, quer da allemã. Estou certo virem esses dignos cidadãos prestar inestimaveis serviços na nacionalisação desses brasileiros.

Julgo ter encontrado a solução do importante problema de ensino, graças ao dispositivo do § 1.º do art. 2º da lei 545, de 16 de novembro do anno passado, segundo o qual é permittido nas escolas situadas nas colonias ou nos lugares em que predomine o elemento estrangeiro, o ensino do respectivo idioma, sem prejuizo

zo da preponderancia da lingua nacional.

Gabinete de physica e chimica e historia natural.—Mandei organizar circumstanciado inventario no laboratorio deste gabinete, como se verá do annexo n. 23.

E' forçoso confessar que, não obstante encontrarem-se ahi apparatus luxuosos e finissimos, uma grande parte delles só pôde ter applicação immediata num curso superior. Resente-se o gabinete, entretanto, da falta de apparatus simples e indispensaveis que a sciencia elementar não pôde prescindir.

Quanto ao gabinete de historia natural e ao laboratorio de chimica, tenho a dizer que se acham completamente desfalcados, necessitando de uma provisáo quasi total.

Bibliotheca escolar.—A nossa bibliotheca escolar já está iniciada, contando 268 livros.

Acho conveniente a adquisição, para a mesma bibliotheca, de uma colleção de livros de pedagogia e psychologia applicada á educação, bem como se impõe a necessidade da assignatura de revistas pedagogicas, que permittam ao professor poder seguir de perto a evolução do ensino moderno.

De acôrdo com a letra g do art. 44 da lei 545, de 16 de novembro de 1909, designei para organizar a bibliotheca escolar e fazer o respectivo catalogo, a senhorita Cecilia Pitanga, a alumna que mais se distinguiu no curso da Escola Normal.

Collegio N. S. Auxiliadôra.—O illustre prelado ex.mo sr. d. Fernando de Souza Monteiro requereu a equiparação do curso secundario do Collegio N. S. Auxiliadôra á Escola Normal do Estado e tive a oportunidade de informar do seguinte modo, o requerimento dirigido a V. Ex.ia.

O ensino dos estabelecimentos particulares de instrucção, sujeitos á rigorosa fiscalisação e observancia de programmas organizados de acôrdo com os methodos intuitivos modernos, é sempre efficaz e proveitoso e, pela somma de beneficios que realisa, auxiliando a instrucção publica, merece a attenção e o interesse dos govêrnos, cujo patriotismo indica o caminho

que elles devem seguir sem vacillações, para diffundir a luz do espirito até pelos recantos mais distantes, no intuito de levantar e fortalecer o povo pelo cultivo da intelligencia.

Não é só para bem do povo que se o illustra: é tambem em favôr dos proprios govêrnos, que encontrarão no seu desenvolvimento intellectivo uma garantia, por isso que serão melhor comprehendidas as suas intenções e acatadas as decisões que emanarem de sua auctoridade.

E' mais facil governar um povo culto, cioso de suas prerogativas e direitos, que tem nitida a comprehensão de seus deveres, que um povo ignaro, inloclil, sem iniciativa e inimigo do progresso.

O papel da instrucção é preparar e formar homens capazes e uteis á sociedade: o papel do govêrno é fornecer meios faceis de se adquirir a instrucção, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas, confiadas á competencia e ao amor por tão nobilitante tarefa.

Pelos motivos expostos:

Considerando esta Inspectoria que o ensino do Collegio Diocesano N. S. Auxiliadôra, estabelecimento particular, está confiado a um corpo docente cuja competencia está comprovada pelos resultados obtidos em diversos annos;

Considerando que os estudos nelle feitos são completos e obedecem aos novos methodos adoptados;

Considerando que o govêrno do Estado em principios de março de 1907, declarou validos os exames desse estabelecimento;

Considerando mais que os alumnos têm direitos adquiridos, quanto á validade dos exames prestados;

Considerando, emfim, que é um beneficio para o Estado o reconhecimento de um Collegio nas condições do N. S. Auxiliadôra;

Conclue opinando pela equiparação do alludido Collegio, que ficará sujeito á fiscalisação do Govêrno, afim de ser mantida a fiel observancia das condições por elle estabelecidas, no interesse da instrucção, achando a Inspectoria conveniente a pratica do ensino na Escola Modelo.

Houve V. Ex.ia por bem equiparar

o referido Collegio á Escola Normal, pelo Decreto 335, de 2 de abril de 1909, e penso ser essa equiparação um acto de inteira e absoluta justiça.

Tenho dirigido todos os exames do Collegio e acompanhado com interesse os seus trabalhos.

E' justo que saliente os serviços prestados por esse estabelecimento de ensino, cujos alumnos revelam muita applicação e bastante aproveitamento.

Commetteria uma iniquidade deixando de encomiar os esforços, a dedicação e competencia postos em relêvo pelas dignas irmãs professoras que não se afastam do cumprimento consciencioso dos seus deveres de educadoras devotadas.

E' lastimavel, entretanto, o numero reduzido de professoras sobre as quaes recae todo o peso da ardua tarefa da execução, ainda que elementar, de um complexo programma de ensino.

Uma vez obviado o inconveniente nascido dessa insufficiencia, não terei sinão expressões entusiasticas para encomiar o capricho com que é mantido esse estabelecimento de ensino.

Mappas annexos. — Horarios

— Convencido de que não se pôde conceber escola sem horario e certo de que o horario é um obstaculo opposto á predilecção dos professores por certas e determinadas materias; e considerando que a distribuição methodica do tempo obriga o professor a dividir convenientemente as horas pelas disciplinas a ensinar; considerando que o ensino só poderá ser proveitoso quando se conseguir distribuir as diversas materias, de modo que umas lições não prejudiquem ás outras; considerando, enfim, que não pôde haver disciplina escolar sem horario, e — segundo o que dispõe o art. 26 da lei 545, de 16 de novembro de 1908 — se poz em execução na escola modelo, grupo escolar e nas demais escolas, horarios rigorosamente organisados.

Nos annexos de n. 5 a 15 poderá V. Ex.ia examinar os horarios actualmente em vigor na escola Normal, na Complementar e Modelo e o que serve de norma ao professor da escola isolada.

Este horario só servirá para guia dos trabalhos, não se podendo exigir a sua rigorosa execução por isso que tem de soffrer modificações de acôrdo com a escola em que tiver de ser seguido.

Além dos horarios, ainda apresentamos outros mappas que patenteariam o movimento que tem tido o departamento da Inspectoria Geral do Ensino.

Fiscalisação do ensino. — De acôrdo com o que determina o art. 37 do Dec. 230, de 2 de fevereiro deste anno, a fiscalisação do ensino compete aos inspectôres escolares e aos delegados titerarios.

Os inspectôres escolares não só fiscalizam as escolas do Estado, apontando todas as suas necessidades, como se encarregam da propaganda dos methodos e processos de ensino actualmente usados.

Os inspectôres em exercicio srs. Archimino Mattos, Pedro Corrêa Lyrio e Osorio Vianna, têm percorrido o interior do Estado, sem medir sacrificios para o fiel desempenho de suas funções, cooperando com intelligencia no arduo trabalho que lhes compete por força do cargo.

Todas as escolas do Espirito Sancto fôram visitadas pelos srs. inspectôres, recebendo, portanto, o sello da reforma do ensino.

Attestam o que venho de affirmar os annexos n. 28, 29 e 30, os quaes mencionam as escolas visitadas, as impressões havidas pelos inspectôres, em cada uma dellas e a sua opinião sobre os encarregados da sua direcção.

Congresso Pedagogico. — E' com ex-raordinar a satisfacção que faço menção ao Congresso Pedagogico Espirito Sanctense.

Não se pôde negar que foi um verdadeiro acontecimento a reunião do professorado na capital do Estado em sessões inteiramente pedagogicas. Certo, em face do brilhante successo alcançado, não deixarei de consignar aqui os meus mais francos e calorosos applausos pela presteza e solicitude com que os professores attendiram ao meu convite, vindo immediatamente tomar parte nos trabalhos do Congresso.

Durante o tempo que permaneceram nesta capital, os professores frequentaram aulas, distribuidos pelas escolas da capital, onde tiveram occasião de acompanhar a marcha do ensino moderno concorrendo, á noite, ás sessões do Congresso Pedagogico.

O escol da sociedade espirito sanctense, correu cheio de intenso entusiasmo para assistir ás sessões, resarcindo, com o vivo interesse que demonstrava, os sacrificios realizados pelos dignos preceptôres do Estado.

As sessões realizaram-se no vasto salão de escola-modelo *Jeronymo Monteiro*, que se tornou pequeno para conter o grande numero de assistentes.

Na primeira sessão, effectuada a 5 de junho, usou da palavra o inspector Geral do Ensino que desenvolveu a these — *O ensino analytic de leitura e o ensino analytic geral*: na segunda orou o lente da Escola Normal, dr. João Lordello dos Santos Souza, sobre a *educação civica e moral na escola*; na terceira sessão fallaram os professores João Sarmet e José Nunes Ferreira da Silva, o primeiro sobre a *palavra* e o segundo sobre a *educação geral e o meio pedagogico*; na quarta usaram da palavra a professora d. Maria de Freitas Calzans que disertou sobre a *reforma de ensino no Espirito Sancto* e o lente da Escola Normal dr. Deocleciano N. de Oliveira, cujo thema foi a *Historia segundo a concepção moderna*.

Occuparam a tribuna na quinta sessão os professores Amancio Pereira e Francisco Loureiro e o lente da Escola Normal Carlos Mendes. O primeiro orou sobre a *educação civica na escola*, o segundo sobre *generalidades sobre a educação* e o terceiro sobre o *ensino analytic nas linguas*.

Os srs. professores João Pinto Bandeira, Theophilo Paulino da Silveira, d. Osmedia Borges da Fonseca e Manoel Franco, usaram da palavra na sexta sessão, sendo o assumpto do primeiro *duas palavras sobre a educação*, e do segundo, *as qualidades indispensaveis para um bom professor*, e do terceiro, *a indução*, encerrando a sessão o sr. professor Manoel Franco, falando sobre a *escola*

la antiga e escola moderna

Na setima sessão solemne de encerramento, occuparam a tribuna o inspector escolar Archimino Mattos, professora d. Maria Camilla Rios Motta e o lente da escola Normal dr. Joaquim Fernandes de Andrade e Silva, desenvolvendo o primeiro a these *um dia lectico*, a segunda o *terceiro anno da escola primaria* e o dr. Andrade e Silva o assumpto — *ensino de arithmetica na escola primaria*.

Além desses oradores, fallaram ainda os srs. srs. Thiers Velloso, Antenor Benevides e Cesar Velloso, que espontaneamente tomaram a palavra.

O primeiro, depois de breves referencias encomiasticas ao ensino publico, fez o historico do dominio da força physica na antiguidade e a victoria da educação intellectual nos tempos modernos. O segundo inalteceu, em termos significativos, a organização do ensino no Espirito Sancto, propondo a instituição de um conselho superior de instrucção publica. O terceiro, finalmente, não obstante mostrar-se apologista do methodo analytic, manifestou-se contrario ao uso de um methodo unico de ensino para todas as creanças, abundando em considerações de que se aproveitou para apoiar a sua opinião.

Finalmente se lavrou uma acta contendo a summula de todos os discursos proferidos nas sessões do Congresso Pedagogico, que se encerra a 15 do alludido mez de junho.

Conclusão. — Ao terminar este relatorio, pelo qual V. Ex.ia poderá fazer uma pallida ideia dos trabalhos a cargo da Inspectoria Geral de Ensino, tenho o prazer de confessar-me plenamente satisfeito com a pessoal administrativo, docente e discente do departamento cuja direcção me foi confiada e peremptoriamente declaro que são os mais compensadores e brilhantes os resultados obtidos com a reforma de ensino, graças ao saber e á vontade inabalavel e intransigente de V. Ex.ia, a quem rendo um preito da mais alta admiração e do mais profundo respeito

Inspectoria Geral de Ensino, 28 de julho de 1809.

CARLOS A. GOMES CARDIM.

Instrução publica

6 Problema do Ensino

III

Spencer, o eminente educador Spencer, a quem nos filiamos, classifica os principaes generos de actividades, que constituem a vida humana, do seguinte modo:

- 1.º) a actividade que tem por objecto directo a conservação do individuo;
- 2.º) a que, provendo as necessidades da sua existencia, contribue indirectamente para essa conservação;
- 3.º) a que tem por objecto a subsistencia e educação da familia;
- 4.º) a que assegura a manutenção da ordem social e politica;
- 5.º) actividade de genero variado, empregada em preencher os ocios da existencia pela satisfação dos gostos e dos sentimentos.

E' evidente que, em primeiro lugar, devemos cuidar seriamente de garantir a nossa segurança pessoal. As acções e as percepções tendentes a conservação do individuo devem, pois, merecer-nos especial attenção.

A ignorancia dos conhecimentos destinados á conservação do individuo é um facto, cujo resultado trará infallivelmente o aniquilamento da especie.

E' proverbial que o individuo não póde desposar deveres de

familia, sem que tenha de attenção armazenado o bastante para a subsistencia propria.

A manutenção da familia e o seu bem-estar dependem, pois, das condições physicas e moraes do individuo.

E' Alvarenga Peixoto quem o diz:

«Si é tempo de professor de taful o quarto voto, procuraí capote roto, pé de banco de um bilhar, que seja sabio piloto nas regras de calcular.»

Assim, pois, os conhecimentos indispensaveis para a manutenção pessoal, devem preceder aos relativos á familia a organizar se.

E' evidente que, no desenvolvimento successivo da sociedade, a Nação cede o passo á familia. Nação é a união intima e fraternal, entre as familias de um dado paiz e, portanto, sem familia não poderá haver Nação.

Os deveres de chefe de familia têm, pois, maior importancia que os deveres de cidadão. «Desde que o valôr e a força duma sociedade dependem em conclusão do character dos cidadãos que a formam e sendo a educação o meio mais certo de influir sobre o character, resulta naturalmente que a prosperida-

de da sociedade é fundada na familia.»

A sciencia que concorre mais directamente para o desenvolvimento da familia deve, portanto, tomar o passo á que assegure a existencia da Nação.

A poesia, a musica, a pintura, etc., não conseguem corporificar-se sem a previa organização duma sociedade, de onde ella possa tirar sua origem, como traducção fiel, dos sentimentos sociaes e sympathia geral. Neste particular, pois, os conhecimentos patrioticos, têm importancia superiôr aos que cogitam de satisfazer os gostos e crear verdadeiros artistas pela concepção do Bello.

As artes de distracções, que tão salutaes proveitos nos trazem, confortando-nos para novos combates na lucta pela vida, devem, pois, servir de ornamento ao sumptuoso monumento scientifico, que constitue a educação integral. Mas, de passagem diremos, que, esses divertimentos, que tanto concorrem para perfeição humana, devem ser uma verdadeira escola para que a arte se approxime do seu verdadeiro ideal.

Estes ramos da educação, entantão, se acham tão intimamente ligados, que é humanamente impossivel cultivar um, sem, até certo ponto, envolver todos os outros. A classificação subsiste; mas, suas categorias subordinam-se umas ás outras de tal modo, que formam um todo perfeito e harmonico. As divisões correspondentes na vida real, existin-

do mutuamente, concorrem para essa apparente anomalia.

Attingir uma preparação completa, integral, em todos os ramos da educação, seria o verdadeiro ideal: mas, o estado actual da civilização a isso se oppõe. E, portanto, o grau de preparação, adequado a esse estado, não deve ir além de uma racional proporção em cada ramo de nossa actividade.

Da mesma sorte que não é licito desenvolver-se extraordinariamente a vida intellectual em detrimento da contemplativa, tambem não é rasoavel cuidar-se exclusivamente do desenvolvimento de uma ordem de conhecimentos, á custa de outras, por maior que seja a sua importancia.

Contemplemos, pois, o conjuncto desse grandioso panorama, observando comtudo demoradamente os detalhes que nos sejam mais necessarios.

Notam-se, porém, verdadeiras anomalias nesta serie natural. E' o caso das vocações, que são como que inspirações divinas... Foi dahi que surgiram verdadeiras obras primas, como concepções artisticas e que têm servido de estímulo ás gerações successivas.

Entretanto, a tendencia de alguns privilegiados, para fugir á educação integral, é naturalmente refreada pelo peso das multiplas circumstancias da vida, no seio de sociedades bem organisadas. E' assim que, o verdadeiro artista, é a encyclopedia em pessoa. Aqui mesmo,

no coração de nossa encantado-
ra pauliceia, contam-se alguns,
capazes de dar lições de educa-
ção integral a muita gente que
occupa posições salientes no seio
de nossa oligarchia... pedago-
gica.

A logica dos factos, pois, in-

duz o homem a aperfeiçoar-se
nas coisas imprescindiveis á vi-
da completa, que é o ideal da
humanidade.

Dezembro de 1910.

LUIZ CARDOSO.



PEDAGOGIA PRATICA

Páginas Cívicas

(João Köpke — A GRANDE PATRIA)

(Para dialogo nas escolas primarias)

VIII

—E', realmente, admiravel o panorama que se avista daqui do alto, dr. Alencar!

— E olha como o Pão de Assucar se afigura pequenino!

— Com que clareza distingo a Praia Vermelha, Santa Cruz, São João, Nyterôe e mais longe, Villaganhão...

— Villegagnon, Alvaro; o nome é francez.

— Francez? E donde lhe vem esse nome francez, dr.?

— Do francez, que construiu aquelle forte: Nicolau Durand de Villegagnon. Vês alli a Lage?

— Vejo, sim, senhôr.

— Pois alli toi que elle desembarcou primeiro; depois se passou para aquella ilha, que os indios chamavam *Serigipe*.

— E o que veiu elle cá fazer?... Dar-se-á que os Francezes já tivessem atacado o Brazil antes de Duclerc e Duguay Trouin?

— Ah, meu caro, uma joia como esta, quem não a cobiça? Um ceu tão lindamente colorido; uma vegetação, que metteria zelos a Flora; fructos, que ensoberbecem Pomona; flôres e olencia sem rival; a riqueza por toda a parte, por toda a parte o bem-estar, o confôrto e uma belleza do Paraiso! Que paiz ha assim na Terra? Que região, do pincaro de um monte humilde como este Corcovado, descortina ao olhar embevecido um trecho de formosura semelhante ao que destructamos?

— Mas os Francezes quizeram mesmo apoderar-se do Brazil antes de Duclerc e Duguay Trouin?

— Si quizeram? Guaxenduba que t'õ diga.

— Guaxenduba?

— Sim. Era em 1594. Jacques Riffault

e Carlos des Vaux eram dois armadores de Dieppe, em França. Aprestando alguns navios, vieram chegar a ilha do Maranhão. Ahi, com auxilio dos indios, se estabeleceram. Voltando ao seu paiz, Carlos des Vaux organisou, para explorar o novo estabelecimento, uma companhia, que equipou tres navios e trouxe a primeira leva de gente. Em 1612, isto é, 18 annos depois, Daniel de La Ravardiére, dirigindo a expedição, aportou áquella ilha tambem, e resolveu ahi fundar uma povoação sob o nome de São Luiz, em honra de Luiz XIII, rei de França, na época.

— E quem, nesse tempo governava Portugal?

— Pois não te lembras, Alvaro, quem o governou de 1581 a 1640?

— Sim, os Philippes de Hespanha. E não fez a Hespanha nada para expulsar os francezes?

— Jeronymo de Albuquerque, incumbido pelo Governador do Norte do Brazil.....

— No Norte do Brazil?

— Sim, porque em 1573 o rei D. Sebastião o havia dividido em dois: o Norte e o Sul.

— Para que?

— Para governal-o melhor, porque era muito grande.

— E qual era o do Sul?

— O que tinha por capital a cidade, que se estende diante de teus olhos, fundada em 1567. (1)

— A Bahia era, então, a capital do Norte, não?

— Exactamente. Mas Jeronymo de Al-

—1— «Galeria de historia brazileira», ed. Garnier, pag 1.

buquerque, encarregado pelo governador do Norte do Brazil, Gaspar de Souza, de fundar uma capitania...

— Que é capitania ?

— E' a divisão de terra, que é governada por um capitão. Jeronymo de Albuquerque, incumbido de fundar uma capitania além do Ceará, reconheceu as forças dos Francezes e, em 1614, saltou com quinhentos homens no lugar chamado Guaxenduba.

— Cá está o enigma.

— Ahi se fortificou como lhe foi possível, e, atacado em novembro, derrotou os estrangeiros e obrigou-os a um armistício de um anno.

— Que coragem e que força tem a gente, que defende a sua terra, dr. Alencar !

— E' verdade, Alvaro. O marquez de Pombal dizia a um embaixador inglez que um homem na sua casa é tão forte que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o arrancarem d'ella. Mas continuemos. Chegando novos reforços a Albuquerque, logo depois dos factos. que te contei, exigiu ellé dos Francezes a entrega do forte de Itapary ou São José, que recebeu ; e, no anno seguinte, apresentando-se o governador geral da Armada, Alexandre de Moura, despejou da ilha os invasôres e tomou conta do forte de São Luiz, cujo nome mudou para São Philippe (vês logo porque), passando á povoação, que é hoje a capital do Estado do Maranhão, o nome do forte.

— E nenhuns outros estrangeiros se lembraram tambem de imitar os Francezes ?

— Os Hollandezes.

— Ah, desses eu sei ! Em Pernambuco.

— Não ; na bôcca do Amazonas.

— Antes ou depois ?

— Em 1616, mais ou menos.

— Atrevidos ! E quem os poz fóra ?

— O capitão-mór Francisco Caldeira Castello Branco, a quem o capitão-general da Armada, Alexandre de Moura mandou estabelecer a Capitania do Pará, e que fundou a cidade de Belém, capital, do Estado d'aquelle nome.

— Então a Capitania do Pará foi fundada em durante o governo dos Philippes ?

— Sim ; e Philippe III, em 1621, creou com ella um estado, unindo-o ao Mara-

nhão e Ceará, e dando-lhe um governador seu.

— Então ficou havendo tres governadores no Brazil ?

— Dois : o do Estado do Maranhão, ao Norte e o do Estado do Brazil, ao Sul, desde o Rio Grande do Norte até Santa Catharina.

— O Senhor não disse ainda agora que d. Sebastião dividiu o Brazil em 1573 em dois govêrnos ?

— Sim, mas em 1578 reuniu-os.

— Porque ?

— Porque lhe pareceu que a divisão anterior não tinha dado bom resultado.

— Quanta mudança !

— E não passou o Brazil só por essas. Em 1608 tornou o govêrno a dividir-se e em 1616 a unir-se.

— E em qual desses govêrnos foi que o sr. Villegagnon se estabeleceu naquella ilha ?

— Em nenhum.

— Como em nenhum ?! Esta agora é de se lhe tirar o chapéo !

— Sim : em nenhum daquelles de que falámos, porque foi no govêrno de Duarte da Costa, 2.º governador geral do Brazil.

— Qual foi o primeiro ?

— Thomé de Souza.

— E os outros ?

— Mem de Sá, o terceiro, nomeado por d. Catharina d'Austria, que regia por ser menor seu filho d. Sebastião, o qual mais tarde morreu na Africa, deixando o throno a d. Antonio, priór, do Crato, que foi substituído por Philippe de Hespanha. Dividiu-se, então, o govêrno : ao Sul, o dr. Antonio Salema, e o conselheiro Luiz de Brito e Almeida ao Norte; unio-se e vieram Diogo Lourenço de Almeida, em cujo govêrno o Brazil passou á Hespanha ; Manoel Telles Barreto, primeiro governador nomeado pela Hespanha ; d. Francisco de Souza, Diogo Botelho e d. Diogo de Menezes. Tornou-se a dividir : ao Norte, d. Diogo de Menezes, substituído por Gaspar de Souza ; e, ao Sul, d. Francisco de Souza, substituído por seu filho d. Luiz de Souza, que, em 1616, reuniu os dois govêrnos novamente.

— Que trapalhada, dr. Alencar !

— Tu é que a quizeste. Listas de nomes são sempre aborrecidas e embaraçantes. Entendendo os factos, que se de-

ram em cada govêrno, os nomes os acompanharam e ficam sabidos quando os factos são relevantes e os serviços prestados tambem. Saber historia não é saber todas as minudencias, que occorrem na vida de um povo.

— Então o sr. não continue com a lista dos Governadôres, e conte os factos, que eu vou prestando muita attenção.

— Queres, então, que te contes a historia de Villegagnon ?

— Sim, senhór.

— Governava o Brazil, Duarte da Costa. Era o segundo governador geral nomeado. Tinha vindo em 1554 succeder a Thomé de Souza, que fundou a cidade de S. Salvador da Bahia em 1549 (1), com o auxilio de um teu conhecido : o Caramurú.

— Diogo Alvares Corrêa, casado com a Paraguassú ; sei.

— Governava, pois, o Brazil, Duarte da Costa, quando, em 1555, entrou na Bahia do Rio de Janeiro, Villegagnon, vice-almirante, que fugia das perseguições religiosas na Europa.

— Perseguições religiosas ?

— Sim ; luctas sanguinolentas entre catholicos e protestantes, que duraram muitos annos : a uma della se chama : « a guerra dos trinta annos ». Tu pensas, então, que a liberdade de sermos protestantes, catholicos, mahometanos, judeus, positivistas, atheus, existiu sempre ?

— Pois não existiu, dr. Alencar ? Quem é que tem direito de governar a cabeça e o coração dos outros ?

— Saberás, lendo a historia, Alvaro, quanto custou a ganhal a. Mesmo na nossa Patria, em 1573, foi, na Bahia, queimado um hereje, um francez de grande talento, mas que a *Sancta Inquisição* entendeu que tinha opiniões erradas, e a quem os Jesuitas *ajudaram* até que des-se sua alma a Deus. Imagina que bem que aprenderam a *ajudar*, si assim é que *ajudavam*, os Jesuitas, discipulos de Jesus, que não matou os peccadores, mas por elles morreu.

— E que repôz a orelha de Malcho, dizendo a quem lh'a tinha cortado « *Quem*

com ferro fere, com ferro será ferido. »

— Mas, como ia dizendo : Villegagnon, fugindo ás perseguições religiosas, projectava fundar, no Brazil, uma colonia, onde se refugiassem os correligionarios. Desembarcando primeiro alli, como já te disse, passou-se definitivamente para aquella ilha, a que deu o nome de Coligny, celebre almirante francez, tambem protestante, e conseguiu a amizade dos selvagens, que lhe fóram de grande utilidade. Em 1557 chegou um seu sobrinho, Bois-le-Comte, com trezentos homens. Assim a colonia se desenvolveu bem, e inquietava o governador, que, entretanto, não tinha recursos para expulsar os invasôres.

— Por que é que Portugal não mandava ?

— Eram os ultimos annos do reinado de d. João III, (1) que morreu, deixando seu filho d. Sebastião (2) na idade de tres annos, e, como regente, sua mãe d. Catharina d'Austria. Este fim e começo de govêrno é que difficoltou as providencias. Em 1558, porém, foi nomeado 3.º governador Men de Sá. Chegando ao Brazil e informando-se de tudo, tudo foi dispendo, e, em 1564, recebeu recursos, que vieram trazidos por seu sobrinho Estacio de Sá. Estacio de Sá estabeleceu-se e fortificou-se juncto ao Pão de Assucar logo em 1565, e deu á povoação o nome de São Sebastião, em honra do rei de Portugal. E' de vêr que os francezes e os indios, seus amigos, não viam com bons olhos este estabelecimento de portuguezes, e, portanto, o atacaram sempre que puderam. Os portuguezes, porém, repellindo o sempre, em 1567, combinadas as forças de Estacio com as do seu tio e outros reforços, que os Jesuitas trouxeram do Sul...

— Donde ?

— De S. Vicente, sahindo por alli, pela barra, e seguindo o caminho, que seguem os vapôres, que hoje buscam Santos, lá se vai dar.

— E havia S. Vicente nesse tempo ?

— Havia, e saberás como ficou havendo. Mas agora vamos assistir a uma batalha naquella formosa bahia.

—1— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 10.

—2— «Galeria de historia brasileira» ed. Garnier, pag. 88.

— Eu já assisti a mais de uma, dr. Alencar; e que.

— Ta... ta... ta... meu filho! O corpo dilacerado daquelle forte ainda está contando aos olhos os tristes tempos e scenas, a que te referes. Mas, agora, que o fumo dos bombardeios fratricidas se dispersou no ar e nos corações, não lhe avultemos de novo o negrume. Basta para experiencia a lição tremenda; e, tu, vem commigo a outra scena de sangue, mas não de ruina e odio entre irmãos. Unidas as forças de Men de Sá, de seu sobrinho e es reforços vindos do sul, emprehenderam, a 20 de janeiro de 1567, o ataque geral, e expulsaram os Francezes de todas as suas posições e da bahia. A victoria custou a vida de Estacio, e Men transferiu a povoação dalli do Pão d'Asucar cá para o Mórro do Castello (1), conservando-lhe o mesmo nome, já agora que as suas armas tinham sido vencedoras no dia consagrado pelo calendario catholico ao sancto dessa invocação.

— Men de Sá parece que foi governadôr de mão cheia?

— Como Thomé de Souza, que introduziu no paiz o gado; cuidou da agricultura, e creou as villas da Conceição de Itanhaem e de Sancto André, na capitania de S. Vicente, hoje Estado de São Paulo. Men de Sá aldeiou os indios mansos sob a direcção dos Jesuitas; combateu os bravios no Espirito Sancto e nos Ilheos; mudou a villa de Piratininga para a povoação de São Paulo, hoje capital do Estado do mesmo nome, e foi muito justiceiro e economico.

— E os que se seguiram foram tão bons como estes dois?

— Uns imitaram-nos; outros nada puderam fazer. Quasi, tambem, que estes primeiros governadôres só tinham que descobrir e conquistar terra e submeter indios. Uns fizeram mais, outros menos. Ao empenho da conquista ajuntou-se, ás vezes, o do enriquecimento rapido: os colonos e os governadôres atiraram-se á descoberta de metaes e pedras preciosas. Algumas minas foram encontradas, e, si não deram riquezas collossaes, tornaram, ao menos, conhecido o interiôr. Da Bahia para o Norte e Sul, e do littoral para o centro, foram se alar-

—1— «Galeria de historia brazileira», ed. Garnier, pag. 14.

gando os dominios da colonia e formando o corpo deste paiz vastissimo, sobre o qual hoje impera a Republica e se espalham vinte Estados com os seus quatorze a quinze milhões de habitantes. A sua historia, subindo do reinado de d. João V até ao de d. Manuel I, isto é, ao dia da sua descoberta, resume-se verdadeiramente na conquista do solo.

— E está todo conquistado?

Sim, Alvaro, porque conquistado não quer dizer conhecido. Ha leguas e leguas de terra na tua Patria, onde nunca pisou pé humano, e selvas espessas, que o gume do ferro não desvirginou ainda. Mas tu, como eu, como qualquer brasileiro, todos nós sabemos as fronteiras que nos separam dos que não são brasileiros. O mar a Leste por mais de 1.200 leguas; rios e linhas convencionaes ao Norte, a Oeste e ao Sul, discriminam o territorio que é nosso do que o não é.

— E quem nós deu o direito de marcar essas divisas?

— A primeira occupação.

— Como, dr. Alencar, si o sr. me tem sempre dicto que os indios habitavam este paiz?

— Ah, meu filho, devo limitar o que disse: a primeira occupação do mais forte.

— E' bem triste ser fraco, dr. Alencar!

— A Trindade o está dizendo a todos nós. Fosse o Brazil uma nação já poderosa como a velha Inglaterra, e o Baracouta jámais teria turvado as verdes aguas, que cingem essa ilha ao nosso direito como a cingem ao nosso coração!

— Mas deixe estar, dr. Alencar, que, si fosse preciso nós haviamos de fazer com a Inglaterra o que as Independentes fizeram com os Hollandezes, Jeronymo de Albuquerque e Men de Sá com os Francezes.

— Ou os Santistas com seus compatriotas, que se lembraram de tentar fortuna em terras paulistanas.

— Tambem?

— Sim — em 1583 e em 1591.

— Mas, dr, como foi que Portugal pôde chegar a ser senhór do Brazil, desta terra quasi sem fim, que vai para cá para lá, para alli, para todos os lados — leguas, leguas e leguas!

— Sem sabermos como. Pela felicidade do acaso.

— Estou ardendo para que o sr. me explique.

— E quanta inspiração me daria o alto do Corcovado para te contar a historia do nosso Brazil desde o seu primeiro vagido para a civilização occidental, em

que é hoje parte brilhante, si não fosse já cinco horas e meia quasi. Olha! O pennacho de fumo arqueja e desenrola-se da chaminé da locomotiva: é o ultimo trem. Eil-o que apita. Corramos!

— Vista do Paraiso, adeus!

Cartographia

II

Noções sobre Escalas

Em nosso primeiro artigo, sobre esta disciplina, dissemos que pela escala poderiamos avaliar a superficie de qualquer Estado do Brazil e que, conhecida a superficie e a densidade, poderiamos determinar a população dos mesmos por uma simples multiplicação. Assim, considerando-se o Estado de São Paulo com uma superficie de 250000 kilometros quadrados e calculando-se a sua densidade em 14, a sua população elevar-se-á a 3500000 habitantes. Reter na memoria 20 numeros simples, em sua quasi totalidade, é muito mais racional que ter em mente 20 compostos.

As densidades são representadas, entre nós, por 1, 2, 3, etc., segundo o Estado, e obtem-se dividindo a população de cada um delles pela sua superficie. Assim dividindo-se a população do Estado de São Paulo, que é estimada em 3500000, pela sua superficie, calculada em 250000 kilometros quadrados, obteremos a densidade de 14. Pela escala poderemos tambem avaliar a superficie de paizes, de ilhas, lagos, etc., extensão de costas, cursos de rios, etc..

Dissemos que a superficie do Estado de São Paulo, corresponde a de dois trapezios: o primeiro com a base superior de 4 decimetros; a inferior de 8 decimetros e a altura de 3 decimetros; donde, sendo a area do trapezio igual a semi-somma das bases, multiplicada pela altura, obteremos $0^m, 4$ mais $0^m, 8$ ou $1^m, 2$; divido por 2, que é igual a 6 decimetros, cujo decimal multiplicado por 3 decimetros

produz 18 decimetros quadrados ($0^m, 18$), numero este equivalente a 180000 millimetros quadrados e, como cada millimetro quadrado no mappa vale um kilometro na superficie do Estado, na escala de 1 para 1000, obteremos 180000 kilometros quadrados para o primeiro trapezio; o segundo trapezio com base superior de 6 decimetros e a inferior de 1 decimetro e a altura de 2 decimetros, donde (6 mais 1) dividido por 2 dará 3 e meio decimetros ou 35 centimetros, que multiplicados por 2 decimetros darão 7 decimetros quadrados ($0^m, 2, 07$) ou 70000 millimetros, o que produz 70000 kilometros quadrados na superficie do Estado de São Paulo, cujo numero será elevado a 250000, sommando-se com a area do primeiro trapezio. Este numero sendo multiplicado pela densidade 14 dará a população, como já tivemos oportunidade de dizer. Os outros Estados podem ser decompostos em rectangulos, triangulos, rhombos, etc., segundo as suas fórmas e em tamanhos um milhão de vezes menores.

Terminando, cumpre-nos informar aos leitores que este artigo, explanando o primeiro desta série, nada mais é que uma rectificação do mesmo, bastante compromettido por insufficiencias typographicas.

No proximo numero tractaremos dos principaes problemas cartographicos, de que faz cavallo de batalha um dos dignos funcçionarios da repartição superior do ensino.

Cartografia

Notas sobre Escalas

LITERATURA

Handwritten notes and references, including a list of names and dates, possibly related to the literature section.

Cartografia

Notas sobre Escalas

Main body of handwritten text on the left page, containing detailed notes and references, likely related to cartography and scales.

A abelhinha

(Canção)

I

Abelhinha, vóá, vóá!
Zum! zuum! zum! de flôr em flôr...
Que vida! Que vida bóa
Que levas! Vida de amôr!

Côro:

Zum! zum! zum! de galho em galho.
Zum! zum! zum! sempre zumbindo,
Abelha! do teu trabalho
Sae o mel do favo lindo!

II

Nossa bôcca é pura, pura...
Vem buscar, vem, dona Abelha!
O aroma, a luz, a docura
Da nossa bôcca vermelha!

III

A creança tambem lida;
Da abelha parece irmã!
Ella estuda e torna a vida
Mais bella, risonha e sã!

A. PEIXOTO.



As férias

(No fim do anno).

Depois de ficar ás tontas
E de caras muito sérias,
Agora já estamos promptas
Do exame e — *Vivam as férias!*

Ha uma porção de mezes
Que a gente, quantas esfregas
Tem levado, não, collegas,
E *um pito* da mestra, ás vezes?

Pois si até, nem um bocado,
Tem-se geito de pedir
Um dia de feriado
Para correr, para rir!

E' só riscando nas lousas
Uma grande quantidade
De cousas — meu Deus! — de cousas
Bem contra a nossa vontade!

E nós, as lindas teteias
De casa, temos na escola
De dar tratos á cachola
Para catar as ideias...

E nesse afán, nessa festa,
Nosso pulso, marca febre...
Mas cabeça que não presta
Merece bem que se quebre!

Sempre venceu quem porfia!
Mas a gente pôde lá
Adivinhar onde está
Morando a sabedoria?!

Ao menos que nos console
O rifão: *Em pedra dura*
Uma gotta dagua mole
Tanto bate até que fura.

— Sim! Mas tambem saiba a infancia
Que o mestre com isto — o Amôr —
Duma rocha — a Ignorancia —
Faz rebentar uma flôr!

E descerra, meus senhores,
A porta larga e querida
Que rasga um fado de flôres
Para toda a nossa vida!

Em suas mãos, está presa
Esta geração gentil,
Que é promessa da grandeza,
Do futuro do Brazil!

Mas basta, senhores, basta
De falar de coisas sérias.
A intelligencia se gasta
Naquelle que conta lérias...

E já que as férias são poucas
Estourem mas é risadas,
A bandeiras despregadas,
De dentro das nossas bocças.

Depois, longe da cidade,
Cabellos soltos, pés nús,
Corramos em liberdade
Sorvendo luz, muita luz!...

Dos bancos duros da escola
Fuja-se um pouco, sinão
O talento se estiola
E o corpo não fica são.

Porque, si é grande belleza,
Ficar a gente um doutôr,
Namorar a Natureza
Tem outro, ó, outro esplendôr!

A. PEIXOTO.



Rio Amazonas

Como um mar doce estende a vastidão tranquilla
Das aguas e é tão largo e tão ao longe avança,
Que aguas sómente vê a extasiada pupilla,
Sob a tampa do ceo roseo que além se lança.

Empóla o dorso azuleo e empina-se e supplanta
O vento hostile e invade as mais remotas plagas,
E, como indo a tremer uma Cruzada sancta,
Desfralda de ouro e azul a bandeira das vagas.

Como outr'ora o phenicio, onde quer que estivesse,
Tinha a Patria no seio ou na prôa atupida,
— Elle traz no amplo seio, em religiosa prece,
Um religioso amôr da Patria estremeçada.

Muitas vezes o Oceano, o polvo forasteiro
Que abre golfos na Terra — as espalmadas patas —
Velho cosmopolita intrepido e guerreiro,
Tenta invadir o Rio e assoberbar as mattas.

E então é de se vêr o Rio jacobino,
Nativista e feróz, erguer vagas redondas
E rancioso e mau num conflicto leonino
Ao monstro rechassar com o batalhão das ondas.

Ataca o Oceano! E após rugir a pororóca,
Vencendo-o pertinaz em batalhas egregias,
Para commemorar a victoria, colloca
Quaes medalhas, no peito, aureas Victorias Regias...

Não, velho Oceano! Leva aos remotos granitos
A Nayade de espuma e a Sercia sonora!
O Amazonas caudal não inveja, não, teus mythos:
Elle guarda no seio a Uyara tentadora...

Bem ao longe o sabiá transborda o sentimento
Doce de quem habita o brasileiro sólo,
Num gorgueio feliz que a caricia do vento
Distribue a sorrir, entre os filhos de Eólo.

Depois, no retumbar da bellica pocema,
A alma de um pagé vem diluida na tarde,
E, num gazillo suave, o canto de Iracema,
Todo perfuma a Noite, onde uma Syrius arde.



E para adocicar seu viver revoltado
No meio de tufões e em rajadas de espuma,
Toda a floresta verde abre, de lado a lado,
Uma nuvem gazil de flôres que o perfuma.

E' a belleza da força a floresta que o cinge!
E' o gigantesco em tudo! E, nessa matta escura,
Ha o palacio, o obelisco, a pyramide, a esphynges,
Todo um desc communal Egypito de verdura!

Soberba de contraste, é sem par e offuscante:
Pois muita vez se vêm singrando, desinquieta,
O mar verde da selva, em frota tremulante,
Quaes navios de seda, airosas borboletas.

Amazonas fecundo e grande e majestoso!
Em teu seio revejo a sublime grandeza
Do paiz que amas tanto e do Povo grandioso,
E a façanha da tribu em tua correnteza!

Com tua lingua de agua abrindo-se no Oceano
— Como a bôcca da Patria aromada e gentil —
Fala bem alto e então proclama soberano
O fulgôr do Brazil — o fulgôr do Brazil!

JOSÉ ESCOBAR.



Jaguarary

Jaguarary não vê a luz que brilha agora
Ourichuva e triumphal, sobre o reino de Flora.
Ha aves desmanchando as almas em gorgeios.
De curva e escura rocha, uns transparentes veios
São frechas de crystal que rebrilham, voando,
O verde coração da selva atravessando.
Jaguarary não ouve o rumôr dos adejos
E o crystal da manhã resoante de beijos.
Ha rosas colossaes rutilas e vaidosas!
Os rubros roseirae erguem tendas de rosas,
Onde se acoitam, como uns arabes, os grillos.
Calmo, Jaguarary tem os olhos tranquillos,
Mais tranquilla a consciencia, o coração mais puro,
Preso na fortaleza, em um carcere escuro.
Brizas revibram, e ha vozes de namoradas,
Sob a tenda aromal das noites estrelladas!

Preso... Infamia, ah, sem nome! Injusta accusação!
O indio jamais trahiu seu amado torrão!
Juncto do portuguez e da tribu, no ardôr
Do enthusiasmo, bateu o hollandez invasôr.
E pendida a cabeça, em tristonho quebranto,
Desfia lentamente o alvo collar do pranto...
— Não zombeis da fraqueza e dessa alma enfermiça:
A dôr maior que existe é a que vem da injustiça!

Mas, um dia, da Hollanda um pelotão valente
Toma o Forte, onde estava esse preso innocente.
E o hollandez, vendo preso o pobre indio em tortura,
Sem lhe impôr condições, concede-lhe a sultura.

E o indio emmagrecido e alquebrado e desfeito
Sem poder vêr a luz, curva a cabeça ao peito.
E com o corpo a tremer, ferido da corrente,
Entra na vastidão da floresta silente.
Cai a noite e entristece a collina e o valledo!

Subito, apparecendo em frente de um rochedo,
Ignoto vulto diz com soturna dogura:
— «Bravo Jaguarary, onde vais com a alma pura
«E com o talhe acurvado e môrto pelos annos?
«Não bastaram então teus cruceis desenganos,
«E o portuguez trahidôr, forçando-te ao tormento?
«Indio, não tens talvez delles resentimento?
«Vamos, Jaguarary! Despreza o portuguez!
«Sê nosso alliado; sê, é melhor, do hollandez!
«Vamos, Jaguarary!»

O indio, tremulo, escuta.

E então, erguendo ao luar claro a face impolluta,
Ruge:

— «Bravo hollandez, teu convite é baldado!

«Eu sei que fui trahido e fui abandonado.

«Não odeio o reinol que fez esta ferida.

«Eu te devo, eu te devo, a liberdade e a vida;

«Mas si em troca é mistér eu ser um teu alliado,

«Oh! prende-me de novo ou mata-me, soldado!

«Ah! no meu peito immenso a traigão não se aninha!

«Já ao longe rebôa a trombeta escarninha

«Que o teu Conde Nassau heroico faz vibrar

«E aos meus pobres irmãos vai presto massacar.

«Não! Já os oigo gemer em renhidos revezes.

«Vou em busca dos meus, empós os portuguezes.

«Maior que a ingratidão do branco sem coragem

«E' a amizade, a lealdade eterna do selvagem!

«Ao inimigo bom, prefiro o amigo mau!»

E partiu a guerrear ao Conde de Nassau.

JOSÉ ESCOBAR.



Abaixo a palmatoria!

(COMEDIA INFANTIL EM 1 ACTO)

Personagens:

D. Engracia (directôra de collegio, velha rabujên a e curta da vista);

Clotilde (menina de 9 annos, um bocadinho travessa e não muito amiga dos livros);

Julio (rapaz de 12 annos, esperto, applicado, o melhor estudante do seu collegio.)

Um gabinete modesto. Porta ao fundo e lateraes. A' E uma janella que dá para o jardim. A' D. uma mesa com livros.

SCENA I

CLOTILDE e D. ENGRACIA

(Ao subir o panno a scena está deserta. Ouve-se fóra o estrondo de um movel que cahiu e o tilintar de loiça partida. Em seguida gargalhadas de creanças, choro de Clotilde e reprehensões de d. Engracia. Ponco depois abre esta a porta do fundo e entra, trazendo Clotilde segura por um braço).

D. Engracia—Agora ha de ficar aqui fechada, sua estouvada duma fig!

Clotilde (choramingando)—O' minha senhora, não foi por querer!

D. Engracia—Cale a boca, sua atrevida! Parece que tem o demonio no corpo! Hei de benzela com alecrim!

Clotilde—A Perpetua é que me empurrou...

D. Engracia—Cale a boca, já lhe disse! E' a vergonha do meu collegio! Sempre aos saltos, sempre ás cabriolas, que nem uma cabrinha do monte. E a respeito de estudar, isso então é uma miseria.

Clotilde—Eu hontem sube a lição.

D. Engracia—Pois amanhã tambem ha de sabel-a; essa lhe juro eu, porque não sahe daqui sem ma dizer

na ponta da lingua. Ahi tem livros em cima da mesa. Estude. Logo cá virei a saber o que tem feito.

Clotilde (chorosa)—Eu estudo, minha senhora, mas não me deixe aqui sósinha!

D. Engracia (retirando-se)—Quem faz diabruras sujeita se ao castigo.

Clotilde (seguido-a e implorando)—Senhora d. Engracia!...

D. Engracia—Muito juizinho! (Sae fechando a porta á chave.)

SCENA II

CLOTILDE, só

Senhora d. Engracia! Senhora d. Engracia, eu não torno mais! Abra-me a porta! (Chora num grande berreiro; mas vendo que não é attendida, pára de repente, e diz noutro tom, fazendo figas para a porta). Figas, figas, velha tonta e rabugenta! (Descendo) E então, não me deixou aqui fechada! E logo hoje, á quinta feira, quando as outras meninas andam a brincar! No fim de contas, eu não tive a culpa. Estavamos todas na sala grande a jogar a cabra-céga. A cabrinha era eu. As outras davam-me palmadas nas costas; puxavam-me pelo nariz; atormentavam-me com piparotes. Eu andava já desesperada por não poder agarrar nenhuma. Nisto, como estavamos fazendo muita bulha, appareceu a senhora d. Engracia para nos reprehender. Sentindo passos perto de mim, extendi os braços, e agarrei uma coisa. Era ella, a d. Engracia. (Fazendo voz de velha) «Largue-

me, atrevida! » (*Natural*) « não te largo; has de ficar. A velhota queria desprender-se de mim, mas eu segurava-a com força. Larga, não largo, larga... zas! Tropeçamos com a mesa; esta cae ao chão, e com ella as jarras, as flôres, os bonecos... e tambem a mestra! Tirei então o lenço dos olhos, e imaginem como eu fique! As outras meninas riam como perdidas; a senhora d. Engracia ralhava; eu chorava... um dia de juizo! Oram digam lá os senhores si eu tive a culpa? Com o lenço nos olhos, como havia de ver a mestra? Sim... eu bem a vi, porque tinha um boccadinho levantado, e bem lhe conheci a voz... mas isso é que ella não sabia! Quem a mandou vir meter-se no meio das creanças? (*Ouvem-se fóra vozes de creanças cantando.*) Ora isto! Lá andam as outras a cantar e a brincar, e eu aqui presa! (*Sahindo e gritando.*) Senhora d. Engracia! Abra-me a porta! Eu não torno mais! Minha rica senhora d. Engracia! Tenha dó da sua Clotildesinha! Prometto nuuca mais ser cabra... cega! (*Pausa.*) Nada, não faz caso! Ah! sim? Pois espera, vou deitar a casa a baixo. (*Começa a derribar as cadeiras contando.*) Uma! duas! tres! quatro...

SCENA III

CLOTILDE e D. ENGRACIA

D. Engracia—Então que desaforo é este? A menina endoideceu?...

Clotilde—Não quero estar presa.

D. Engracia—Não quer? Pois a menina tem querer?... Ha de continuar aqui fechada, e muito quietinha, sinão amarro-a com uma corda.

Clotilde (*chorando*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia—Então já sabe a licção?

Clotilde (*idem*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia—Vamos, responde, menina: já sabe a licção?

Clotilde (*chorando com mais força*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia—Ah! ella é isso? Pois espere ahí! (*Sae pelo fundo.*)

SCENA IV

CLOTILDE, só

Clotilde (*chora enquanto d. Engracia não desapparece, depois, mudando de tom, diz:*) — Que irá fazer o demonio da velha? Sempre lhe tenho uma raiva! E a caçoada que me espera das outras meninas! Mas tambem preparem-se para apunhar bem bons beliscões! Olá!—E si eu me sasse? A d. Engracia deixou a porta aberta... Ora! (*Corre para a porta do fundo, mas ao mesmo tempo entra d. Engracia com a qual vae esbarrar.*)

SCENA V

CLOTILDE e D. ENGRACIA

D. Engracia—Jesus! Esta menina está espiritada! Cruzes!

Clotilde (*chorando*)—Ih! ih! ih!

D. Engracia (*mostrando umas orelhas de burro feitas de papel*)—Venha cá.

Clotilde—Para que?

D. Engracia—Venha cá, já lhe disse.

Clotilde—Eu não preciso de toucado.

D. Engracia—Não me seja atrevida! Olhe que chamo o Alonso para a prender com uma corda!

Clotilde (*chorando*)—Ih! ih! ih!

D. Engracia—Chegue-se cá. (*Clotilde aproxima-se com modo decidido e cabeça levantada.*) A menina não quer ter emenda... (*Põe-lhe na cabeça as orelhas de burro. Clotilde continúa impassivel.*) Gosta do toucado? Que lhe parece? Ah! Não diz nada? Quer que lhe vá buscar um espelho para se ver?

Clotilde (*por entre dentes*)—Estou-me vendo.

D. Engracia—Que diz?

Clotilde—Nada.

D. Engracia—Cuidei! Agora aqui tem o livro. (*Dá-lhe um dos livros que estão sobre a mesa.*) Estude. (*Leva-a pela mão para defronte da janella.*) Aqui, que é para a verem bem os meninos do collegio alli defronte.

Hei de amansal-a! Quando souber a licção, virei libertal-a. Chaxe por mim. (*Sae pelo fundo.*)

Clotilde (*apenas vê sair d. Engracia levanta-se da cadeira de ao pé da janella e atira com o livro ao chão*)—Eu um dia mordo na ve'ha!

D. Engracia (*fóra*)—Olhe lá, Clotilde.

Clotilde (*deita a correr para a cadeira da janella, e não tendo tempo de apanhar o livro, abre os mãos e finge que lê.*)—Quem foi o primeiro

rei de Portugal?—D. Affonso II.—De quem era filho?—De d. Affonso III.

D. Engracia (*entrando*)—Quero prevenil-a de que vou dizer ao Alonso que tenha a corda prompta. (*Sae e fecha a porta á chave.*)

Clotilde (*sem se voltar*)—Quem foram os homens mais notaveis do reinado de d. Manuel? (*Reparando que d. Engracia sahira.*) Eu sei cá!

MATTOS MOREIRA.

(*Continúa*)

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

INSTITUTO DE ECONOMIA - USP
BIBLIOTECA MÁCCEDO SOARES

INFORMAÇÕES

A sede da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado é á rua Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6, ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a sede.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua 13 de Maio, n. 64; o thezoureiro, sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, n. 112; o 1.º secretario, sr. Demosthenes Marques, á rua Bonita, n. 8; o procuradôr, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 120.

O thezoureiro é diariamente encontrado na sede social, das 7 ás 9 horas da noite.

O quadro das mordômas para o corrente anno, é o seguinte:

Fevereiro — d. Genoveva de Almeida Motta, residente á rua do Carmo, n. 54;

Março — d. Brasília Izidro da Silva, residente á rua da Tabatinguera, n. 5;

Abril — d. Guiomar dos Sanctos Torrezio, residente á rua da Tabatinguera, n. 33;

Maio — d. Maria Esmeralda Ceslau de Moura, residente á rua Monsenhôr Andrade, n. 18;

Junho — d. Isabel de Serpa e Souza, residente á rua Tres Rios, n. 8;

Julho — d. Guiomar Silva, residente á Avenida Celso Garcia, n. 315;

Agosto — d. Ignez Augusta da Conceição, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Setembro — d. Eucinda Maria Braga, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Outubro — d. Maria do Carmo Pinto da Silva, residente á ladeira Quirino de Andrade, n. 35;

Novembro — d. Alice S. Avila de Macedo, residente á Alameda Barão de Limeira, n. 131;

Dezembro — d. Avelina Reis Vieira, residente á rua Conselheiro Furtado, n. 97;

Janeiro de 1910 — d. Catharina Ceslau de Moura, residente á rua da Tabatinguera, n. 34.

A Directoria, eleita a 11 de janeiro, empossada a 17 do mesmo mez, e que tem de servir durante o corrente anno, é a seguinte:

Fernando Martins Bonilha Junior — presidente;

Alfredo Bresser da Silveira — vice-presidente;

Izidro Denser — thezoureiro;

Demosthenes Marques — primeiro secretario;

Sebastião Lang — segundo secretario;

José F. Marcondes Domingues — primeiro directôr;

Antonio Pereira Baptista, Alfredo Machado Pedrosa e Frontino Ferreira Guimarães, membros do Conselho fiscal.

A *Revista de Ensino*, é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editôr responsavel é o presidente da Associação.

O redactôr secretario deste organo é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação, á caixa postal 183

Os preços da assignatura da *Revista* são os seguintes:

Anno. 5\$000,
Num avulso . . . 1\$500.

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem obter a *Revista* com abatimento de 50 % sobre os preços de assignatura.

A directoria, de acôrdo com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados sempre que mudem de residencia, o communicquem ao secretario.

Postos medicos.

1) — *Dr. Carlos Meyer* — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 64, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe o fazer gratuitamente analyses em escarros, catharros e outras substancias, para elucidações de diagnosticos clinicos.

2) — *Dr. Roberto Gomes Caldas* — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer.

Consultorio — rua de S. Bento, n. 38 ;

Residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

3) — *Dr. Lycurgo Pereira* — Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições :

Visitas, 5\$000 ;

Consultas aos associados, gratis.
Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

4) — *Dr. N. Soares Couto* — Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições :

Visitas nos domicilios 5\$000,
Consultas 3\$000.

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 28.

Dentistas.

1) — *Jayme Teixeira* — Cirurgião dentista. Presta seus seus serviços profissionaes aos associados e ás suas familias por preços modicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2) — *Mario Las Casas* — Presta seus serviços profissionaes por preços modicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12

3) — *Julio F. de Santanna* — Cirurgião dentista, trabalha em prestações para os professôres e faz o abatimento de 20 % . Rua da Consolação, n. 30.

Observação — Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

Pharmacia.

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20 % . :

1) — *Pharmacia de Sancta Thereza*, de Ignacio Puiggari, á rua Sancta Thereza, n. 9.

2) — *Pharmacia e drogaria*, de João dos Sanctos e Comp., á rua de S. Bento, n. 66

3) — *Pharmacia Assis*, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 9.



BALANCETE

RECEITA

Saldo em 31 de dezembro de 1908

Deposito na Companhia das Ind. e Com. 500000

De cobrador 200000

De diversos 100000

Apontamento de letas 150000

Receita collecta vendida a um socio 200000

Saldo em poder de delegados 500000

Abatimentos para preparo de licenças etc 500000

Valores sobrecargas dos antigos empréstimos 1200000

Saldo em 31 de dezembro de 1909 5000000

A receber:

Presidente

Associação Beneficente do Estado

Balancete de 1. de Janeiro

RECEITA

Saldo em 31 de dezembro de 1908	11:310\$702
Annualidades	13:214\$000
Jóias e diplomas.	4:461\$000
Auxílios condicionaes restituídos	10:690\$000
Adeantamentos restituídos	225\$900
Revista	82\$000
Juros da Caixa Economica e do Banco	240\$161
Sellos vendidos	7\$400

Moveis e utensílios:

Valôr dos existentes com abatimento de 10%	1:113\$452
--	------------

A receber:

Letras a vencer	5:385\$000
Vales e obrigações dos antigos empréstimos	12:441\$960
Adeantamentos para preparo de licenças, etc.	90\$600
Saldos em poder de delegados	57\$000
Revista, collecção vendida a um socio	20\$000
Apontamento de letras	4\$000
De diversos	200\$000
Do cobradôr	89\$800
Deposito na Companhia do Gaz	50\$000

59:682\$975

S. Paulo, 31 de

Fernando M. Bonilha Jr.
Presidente.

do Professôrado Publico de S. Paulo.

a 31 de Dezembro de 1909.

DESPEZA

Auxílios definitivos em casos de doença ou morte	3:996\$000
Pensões a viúvas e orphans	2:095\$000
Auxílios condicionaes	11:890\$000
Adeantamentos para preparos de licenças, etc.	239\$800
Empregados e porcentagens ao cobradôr	3:015\$300
Sellos, portes e registros	304\$250
Revista, publicações e expediente	2:195\$120
Moveis e utensílios adquiridos	39\$500
Despezas extraordinarias	1:941\$500

Moveis e utensílios:

Valôr dos existentes	1:113\$452
A receber	18:338\$360
Saldo em 31 de Dezembro de 1909	14:514\$693

59:682\$975

S. E. ou G.

Dezembro de 1909.

Teodoro Denser,
thesoureiro.

Parecer do Conselho Fiscal

A Comissão Fiscal da Associação Beneficente do Professorado Publico, tendo examinado o balancete apresentado pelo thesoureiro da Associação, sr. Izidro Denser, balancete este acompanhado de uma clara e exacta exposição sobre a situação economica e financeira da Associação e, achando tudo conforme e em ordem, é de parecer que o referido balancete seja approvedo.

S. Paulo, 5 de janeiro de 1910.

Alfredo Machado Pedrosa, relatôr,
Frontino Ferreira Guimarães,
Antonio Pereira Baptista.



NOTICIARIO

Parecer do Conselho Fiscal

Comissão Fiscal da Associação Beneficente do Pro-

gresso da Bahia, em 1910.

Alfredo Machado Pedrosa, Diretor, Presidente

Frontino Ferreira Guimarães, Vice-Presidente

Antônio Pereira Baptista, Secretário

Paulo de Jesus, Relator

Paulo de Jesus, Relator

Alfredo Machado Pedrosa, Diretor

Frontino Ferreira Guimarães, Vice-Presidente

Antônio Pereira Baptista, Secretário

NOTICARIO

PUBLICAÇÕES

Confessando-se sempre reconhecida, a *Revista de Ensino* espera ainda a honra da permuta com os seguintes orgams dos Estados e do estrangeiro:

de Portugal—*Educação Nacional*, do Porto;

de França—*Le Paysan de France*, da Capital;

do México—*La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense*, de Chihuahua;

de Guatemala—*El Guatemateco*, diario official da Republica; *Diario de Centro-America*, da Capital;

do Equador—*Boletim de las Escuelas Primarias*, de Guayaquil;

da Republica Argentina—*El Magisterio*, *El Monitor de la Educacion Común*, *La Higiene Escolar*, *Revista de la Educacion Fisica*, de Buenos Aires; *La Escuela Practica e Revista de Educacion*, *Revista de Instrucción Primaria*, *Ars*, publicação official do circulo «Ars» de la Plata;

do Uruguay—*Anales de Instrucción Primaria*, da Capital;

do Acre—*O Cruzeiro do Sul*, do Alto Juruá; *O Aereoano*, de Xapury;

do Pará—*A Alvorada*, de Belém;

do Maranhão—*Revista Annual*, do Centro Caixeiral, *Phenix*, *Revista Typographica*, *Avante!*, de S. Luiz; *A Comarca e O Commercio*, de Codó; *O Anapuru*, de Brejo e *Jornal de Commercio*, de Caxias;

do Piauí—*O Commercio*, *A Luz*, da Capital;

do Ceará—*Revista «Fortaleza»*, *Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarilhoa*, de Fortaleza; *Oitenta e Nove*, *O Paladino*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;

do Rio Grande do Norte—*A Voz do Potyguar*, de Curros Novos;

da Parahyba—*O Estado de Parahyba*, da Capital;

de Pernambuco—*O Missionario*, de Recife;

de Alagoas—*O Popular*, *A Illustração*, de Maceió; *Vinte de Julho*, de Pilar;

da Bahia—*Ad Lucem*; *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Capital; *A Luz*, de Sancto Amaro;

do Espirito Sancto—*Diario da Manhã*, *Estado do Espirito Sancto*, *O Commercio do Espirito Sancto*, de Victoria;

do Rio de Janeiro—*Tribuna de Petropolis*; *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto; *O Vagalume*, de Niteroy; *O Brazil*, de Friburgo; *O Sorriso*, de Macahé;

do Districto Federal—*O Magneto*, *Revista Militar*, *O Universo*, *Revista de Medicina*, *Revista Catholica Illustrada*;

do Paraná—*A Escola*; do Gremio do Professôrado Publico, de Curitiba;

de Sancta Catharina—*O Escolar*; *Gazeta e Commercio*, de Joinville; *O Estimulo*, de S. Francisco do Sul; *O Phanol*, de Itajahy;

do Rio Grande do Sul—*O Taquaryense*, de Taquary;

de Matto Grosso—*O Brazil*, de Cumbá; *A Voz do Povo*, de Cuyabá;

de Minas Geraes—*O Monitôr Sul Mineiro*, de Campanha; *O Passageiro*,

de Tres Corações do R. Verde; *O Resistente*, de S. João de El-Rey; *Gazeta*,

de Ubá; *Gazeta*, de Ouro Fino; *O Commercio*, de S. João Nepomuceno; *O Araguay*, de Araguay; *A Voz do Povo*,

de Poços; *O Juvenil*, de Bom Successo;

O Guarará, de Espirito Sancto do Guarará; *Correio Catholico*, de Uberaba; *Mercantil*, de Palmyra; *O Povo*, de Bicas; *A Propaganda*, de Itapecerica;

de S. Paulo—*Boletim*, da Repartição Demographo-sanitaria, *Germania*, *O Re-*

bate, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*,

Concordia, *A Revista*, *Nova Revelação*,

O Argus, *Boletim da Devoção de S. José*,

da Capital; *O Mundo Occulto*, *A Cida-*

de, de Campinas; *A Folha e O Jundi-*

hyense, de Jundiáhy; *Correio do Norte*,

de Guaratinguetá; *Cidade*, de Bragan-

ça; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhan-

gaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal;

Tribuna do Povo, de Araras; *Correio*,

de Botucatu; *A Folha e Mensageiro*, de

Apparecida; *Republica e A Cidade*, de

Itú; *Quiuze de Novembro*, de Sorocaba;

Gazeta, de Jacarehy; *A Gazeta do Pinhal*,

A Republica e O Pinhalense, do Espirito Sancto do Pinhal; A Cidade de S. João, e A Jardineira, de S. João da Boa Vista; A Cidade e o Correio Palmeirense; O Tempo e a Cidade de Faxina; O Municipio, de Lorena; O Municipio, de Pirassunuga; A Cidade, de Dous Corregos; O Municipio, A Imprensa, O Movimento, de S. Manoel do Paraizo; O Capivary, A Gazeta, de Capivary; O Cartel, de Batataes; O Correio Brotense; O Cravinhos; O Tieté, Correio do Sertão, de Avaré; Imparcial, de Bebedouro; O Mineirense, S. João da Bocaina; O Porvir, de S. José do Rio Preto; Correio do Interior, de Ribeirãozinho; A Vera Cruz, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca; O Proletario e o Rio Pardo, de S. José do Rio

Pardo; Escolar, A Folha, O Arauto, de Porto Ferreira; O Diario de Sanctos; Tribuna do Povo, de Itapetininga; O Guarapiranga, de Sancto Amaro; Tentamen, de Jahú; A Comarca, de Mogy-mirim; O Cachoeirense, de Piracicaba e Il Messaggero, do Amparo.

Apezar, comtudo, de não haver frequencia nas visitas de um ou de outro collega; apezar de nos faltar a visita de um ou de outro dos confrades mencionados, dos quaes não temos noticias, o que muito nos entristece—ainda lhes enviaremos a Revista até ao fim do anno, confessando-nos gratos pela cortezia da visita.



Vendem-se collecções encadernadas

Revista de Ensino,

no R. Sancta Theresza 28

ENSINO MILITAR

ANNUNCIOS

M. Marmo

Telephone 1848

LIBRARIA DE GACAO DE AMILU

vendem-se livros e publicações

1. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 2. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 3. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 4. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 5. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 6. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 7. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 8. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 9. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 10. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 11. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 12. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 13. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 14. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 15. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 16. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 17. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 18. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 19. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 20. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 21. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 22. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 23. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 24. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 25. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 26. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 27. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 28. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 29. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 30. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 31. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 32. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 33. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 34. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 35. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 36. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 37. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 38. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 39. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 40. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 41. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 42. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 43. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 44. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 45. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 46. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 47. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 48. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 49. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 50. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 51. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 52. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 53. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 54. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 55. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 56. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 57. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 58. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 59. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 60. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 61. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 62. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 63. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 64. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 65. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 66. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 67. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 68. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 69. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 70. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 71. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 72. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 73. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 74. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 75. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 76. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 77. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 78. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 79. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 80. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 81. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 82. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 83. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 84. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 85. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 86. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 87. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 88. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 89. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 90. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 91. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 92. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 93. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 94. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 95. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 96. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 97. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 98. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 99. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*; 100. *Relatório do Conselho de Ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo*.

Cartão Escolar, a Folha, o Livro de Porto Férreo, o Diário de Santos, o Livro de Faria de Itapetininga, Guararatinga, de Santo Amaro, o Livro de Jahu, a Comarca de Mogi Mirim, o Colégio de Piracicaba e o Município de Amparo.

Aprezar, contudo, de não haver a quencia nas visitas de um ou de outro colega, apesar de nos faltar a visita de um ou de outro dos cantos mais importantes dos quais não temos noticias, e que muito nos entristeceriam se lhes enviarmos a *Revista*, até ao fim do anno, confessando-nos gratos pela cortezia da visita.

Vendem-se colleções encadernadas
DA

Revista de Ensino,

na R. Sancta Thereza, 28

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo, as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto R. de Carvalho.

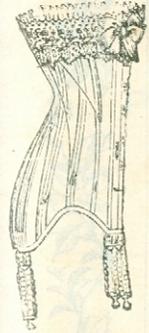
Será dividido nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recrutas com arma; escola de esquadra; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos a cada parte do livro.*

OFFICINA DE COLLETES

PARA SENHORAS

DE

M^{ME.} Marmo



Especialista das mais habilitadas

Rua Barão de Itapetininga, 22 — S. PAULO

Telephonio 1843

Annexa á Officina de Costura de M.me Tassi

AVISO IMPORTANTE

Os colletes fabricados por M.me **MARMO** são os mais hygienicos e commodos: asseguram e mantêm sem compressão alguma o maior equilibrio do busto.

ESPARTILHOS, CINTOS ORTHOPEDICOS

recommendados pela Academia de Medicina de Paris, e pelos hospitacs desta Capital.

ULTIMA CREAÇÃO DE PARIS.

verdadeiro triumpho na arte.